

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA: AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

ASPECTO PROGRESSIVO: UM MODAL EPISTÊMICO ?

Adriane Serafini Homann

Orientadora: Professora Dra. Loar Chein Alonso

Porto Alegre

Julho de 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA: AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

ASPECTO PROGRESSIVO: UM MODAL EPISTÊMICO ?

Adriane Serafini Homann

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial à
obtenção do**

GRAU DE MESTRE EM LETRAS

Orientadora: Professora Dra. Loar Chein Alonso

Porto Alegre

Julho de 2001

AGRADECIMENTOS

À professora Dra. Loar Chein Alonso pela orientação segura e amiga, durante todas as fases deste trabalho. Obrigada, mestra.

À professora Ms. Niura Fontana, cujo incentivo foi decisivo para que eu aceitasse este desafio.

Aos professores doutores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que ajudaram a mim e a minhas colegas, com profissionalismo e amizade, a ampliar nossos horizontes.

À Universidade de Caxias do Sul pelo subsídio financeiro que viabilizou este mestrado.

Às colegas do curso de mestrado por todos aqueles pequenos gestos em que se lê amizade: o empréstimo de um livro, as palavras de otimismo, um sorriso de compreensão.

Aos informantes desta pesquisa pela prontidão com que atenderam às minhas solicitações e pelo carinho com que o fizeram.

À minha família, pelo carinho, compreensão e ajuda durante o período em que me dediquei mais aos meus estudos do que a eles.

A Deus, que colocou este desafio em meu caminho e também os meios para percorrê-lo.

Obrigada a todos que, de uma forma ou de outra, compartilharam comigo esta jornada.

SUMÁRIO

RESUMO	005
ABSTRACT	006
LISTA DE ABREVIATURAS	007
LISTA DE TABELAS	008
INTRODUÇÃO	009
1. QUESTÕES TEÓRICAS	013
1.1 O conceito de aspecto	013
1.2 Considerações gerais sobre aspecto	016
1.3 Aspecto da situação	021
1.4 Os verbos de estado no aspecto progressivo em inglês	026
1.5 Aspecto dos pontos de vista	031
1.6 Características dos pontos de vista e sua relação com os tipos de situação	033
1.7 Localização temporal	039
1.8 Estudos sobre o aspecto progressivo	042
1.9 Modalidade e o aspecto progressivo	058
1.10 Abordagem utilizada nesta pesquisa	062
2. QUESTÕES METODOLÓGICAS	064
2.1 Sujeitos	064
2.2 Instrumentos de coleta de dados	064
2.3 Análise dos dados	068
2.4 Limitações da metodologia adotada	069
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	071
3.1 Análise dos dados obtidos através do TPE 1	071
3.2 Análise dos dados obtidos através do TPE 2	077
3.3 Comparação entre TPE 1 e TPE 2	082

3.4	Análise dos dados obtidos através do TI 1	084
3.5	Análise dos dados obtidos através do TI 2	086
3.6	Comparação entre TI 1 e TI 2	088
CONCLUSÃO		090
BIBLIOGRAFIA		093
ANEXO 1		
	Protocolo e resposta recebida	099
ANEXO 2		
	Testes de Produção escrita em português e em inglês – Testes de Interpretação em português e em inglês	103
ANEXO 3		
	Dados obtidos através de TPE 1, TPE 2, TI 1 e TI 2	116

RESUMO

Esta pesquisa procurou demonstrar que o aspecto progressivo representa a opção disponibilizada pela língua portuguesa para que o falante, diante de determinadas situações, possa se referir apenas ao fragmento manifesto, revelando, assim, o seu desejo de se comprometer somente com a parte da verdade evidenciada pela situação. Quando uma situação é apresentada com um verbo de estado, os falantes de língua inglesa, para atingir o mesmo objetivo, utilizam perífrases dos verbos de estado. Foram selecionados verbos de estado que expressam estados mentais/cognitivos para testar as hipóteses, porque a mitigação de comprometimento revelou ser mais claramente observável em enunciados com este tipo de verbos. Os resultados obtidos evidenciaram que os falantes de ambas as línguas distinguem situações completas de incompletas e que optam por mais de uma forma para expressar menor comprometimento, e não somente pela forma do aspecto progressivo quando, após interpretar uma situação como incompleta, desejam manifestar-se a respeito dela. Os falantes de ambas as línguas também utilizaram formas no perfectivo + perífrase modalizadora e perífrases dos verbos de estado no progressivo. A opção pelo uso destas formas, para ser fiel à verdade de sua interpretação da situação como não-completa, indicou que há uma avaliação de grau de comprometimento por parte do falante. Os resultados apontam para a possibilidade de que o aspecto progressivo atue como um modal epistêmico, não obstante o fato de o falante poder expressar comprometimento parcial também através de outras formas.

ABSTRACT

This research aimed at demonstrating that the progressive aspect represents the option made available by the Portuguese language so that the speaker, when facing certain situations, may refer only to the part of the situation that is made visible, thus revealing his wish for commitment only to the part of the truth that is evidenced by the situation. When a situation is presented with a state verb, English speakers, to attain the same objective, use periphrases of these verbs. State verbs that express mental/cognitive states have been selected for the testing of the hypotheses because the mitigation of commitment seems to be more clearly observable in utterances with this kind of verbs. The results obtained evidenced that speakers of both languages distinguish complete situations from incomplete ones and that they use more than one form to express a minor degree of commitment. After speakers interpret a situation as incomplete, they not only opt for the progressive aspect when they wish to refer to it: speakers of both languages used forms in the perfective + a modal periphrasis and periphrases of the state verbs in the progressive to do so. The option made for the use of these forms, in order to be faithful to the truth of their interpretation of the situation as an incomplete one, hinted that the speaker makes an evaluation of the degree of his commitment. The results point to the possibility that the progressive aspect functions as an epistemic modal, even though the speaker may also express partial commitment by means of other forms.

LISTA DE ABREVIATURAS

AP	Aspecto Progressivo
APe	Perífrase de verbo de estado no Aspecto Progressivo
D	Desconsiderada por falta de entendimento da questão
E	Evento
I	Início
P	Perfectivo
PPe	Perfectivo + Perífrase modalizadora
R	Tempo de Referência
Rs	Tempo de Referência especial
RT +	Realização em tempo maior
RT -	Realização em tempo menor
T	Término
TI	Teste de Interpretação
TI 1	Teste de Interpretação aplicado junto aos sujeitos falantes nativos de português
TI 2	Teste de Interpretação aplicado junto aos sujeitos falantes nativos de inglês
TPE	Teste de Produção Escrita
TPE 1	Teste de Produção Escrita aplicado junto aos sujeitos falantes nativos de português
TPE 2	Teste de Produção Escrita aplicado junto aos sujeitos falantes nativos de inglês
OF	Outras Formas

LISTA DE TABELAS

Tabela I – Dados obtidos através de TPE 1	071
Tabela II – Dados obtidos através de TPE 2	077
Tabela III – Dados obtidos através de TI 1	084
Tabela IV – Dados obtidos através de TI 2	086

INTRODUÇÃO

No projeto de pesquisa da dissertação de mestrado, minha proposta inicial era a de investigar o surgimento do que eu julgava ser uma implicatura para reduzir o comprometimento do falante de português com a verdade da proposição em enunciados com verbos de estado, no aspecto progressivo, para efetuar um estudo contrastivo entre português e inglês. A intenção era a de verificar se esta possibilidade de se comprometer menos com o dito se abria somente para os falantes de português, já que os falantes de língua inglesa deparam-se com um impedimento sintático para proferir enunciados neste aspecto, quando usam verbos de estado. O que chamava minha atenção era que um brasileiro podia dizer “Estou entendendo, professora” e, depois de um resultado péssimo nas provas, podia retirar o que dissera com uma desculpa como “Ora, profe, eu disse que estava entendendo; eu não disse que entendi”. Já um aluno americano, diria “*I understood it*” ou, então, “*I didn’t understand it*”, sem muita chance de voltar atrás no que dissera. Parecia-me que no enunciado do brasileiro havia uma implicatura conversacional de menor comprometimento quando do uso de verbos de estado no aspecto progressivo.

Porém, os resultados de uma pré-testagem desse projeto inicial, feita junto a falantes nativos de ambas as línguas, sugeriam que a interpretação de menor comprometimento devia-se ao significado semântico da proposição veiculada pelos enunciados. Os resultados de um segundo teste, em que os sujeitos é que se manifestavam, revelaram que os falantes de língua inglesa também expressavam menor comprometimento em relação às situações apresentadas no instrumento de testagem, que exigia o uso de um verbo de estado, porém faziam-no utilizando perífrases, desta forma respeitando os impedimentos sintáticos e semânticos impostos por sua língua, no que se refere a verbos de estado, porém frequentemente usando o aspecto progressivo com outros verbos. Entendi, então, que a questão não tinha a ver com verbos de estado e sim com o aspecto selecionado. Esta pré-testagem levou, então, à formulação de novas hipóteses para esta dissertação. A hipótese básica é (1) a de que o aspecto progressivo é uma forma gramaticalizada, não somente com a função de apresentar o ponto de vista do falante em relação a uma situação, mas também com a função de denotar sua vontade de comprometer-se menos com a proposição encerrada em seu enunciado, funcionando, conseqüentemente, como um modal epistêmico. As hipóteses secundárias são: (2) os falantes de português usam o aspecto progressivo quando desejam expressar menor comprometimento com a verdade da proposição de seu enunciado; (3) os interlocutores de um falante de português interpretam um enunciado no aspecto progressivo, com um verbo de estado, como expressão do desejo do falante de comprometer-se em menor grau com a proposição encerrada em seu enunciado, assim como o fazem os falantes de inglês diante de uma perífrase; (4) o significado de menor comprometimento veiculado por enunciados no aspecto progressivo, com verbos de estado e/ou através de perífrases, é de cunho semântico.

Para o projeto inicial haviam sido selecionados verbos de estado, que foram mantidos neste estudo pelas razões apresentadas a seguir. Três deles são verbos de percepção cognitiva e um quarto verbo é de percepção afetiva: entender/*to understand*, acreditar/*to believe*, saber/*to know* e amar/*to love*. Por denotarem processos/estados mentais, não passíveis de observação direta, estes verbos são mais adequados para a investigação das intenções dos falantes do que outros verbos

classificados como ‘realizações em intervalo de tempo maior’ (*accomplishments*) e ‘realizações em intervalo de tempo menor’ (*achievements*), aos quais nos referiremos daqui por diante como, respectivamente, RT+ e RT- . O progressivo, aparentemente, por suas características intrínsecas revela a atitude/opinião do falante em relação à confiança ou falta de confiança em relação à proposição proferida, e foi observado que isto se evidencia, particularmente, com os verbos de estado. Os verbos classificados como ‘atividades’ (*activities*) também permitem interpretação de menor comprometimento com o enunciado proferido, porém os de estado são os que parecem revelar mais claramente a percepção e cognição do falante, o que nos levou a optar por esta categoria para este estudo. Não se insere, no escopo desta dissertação, investigar o porquê de os verbos de estado em inglês normalmente não aceitarem o ponto de vista do aspecto progressivo sem que haja uma alteração no significado de seu núcleo semântico. Também não se busca demonstrar que a interpretação de menor comprometimento existe, o que já foi observado por estudiosos como Zegarac (1993) e Ilari (1983) . O objetivo desta dissertação é investigar se a interpretação de menor comprometimento veiculada semanticamente pelo aspecto progressivo aponta para o fato de que este aspecto é pragmaticamente selecionado pelo falante porque se constitui na forma disponibilizada pela gramática que encerra modalidade epistêmica.

Iniciamos o primeiro capítulo desta dissertação revisando o que é aspecto, buscando na teoria proposta por Carlota Smith, denominada de Teoria dos Dois Componentes, os fundamentos teóricos para tanto, não só porque esta teoria faz uma abordagem cognitiva da questão, mas também por ter demonstrado ser suficientemente abrangente e válida para a análise do fenômeno em outras línguas, que não só a inglesa, o que já foi comprovado com eficiência por estudos feitos em navajo, francês, russo e chinês. Além disso, trata-se de uma teoria que, por separar e fazer a clara distinção dos componentes da questão aspectual, facilita sua compreensão, já que aspecto abarca noções que por vezes se sobrepõem, o que dificulta a análise das situações. Feita a clara distinção das características e propriedades das situações, dos pontos de vista, e dos demais componentes do que é denominado de aspecto, detivemo-nos no estudo das características do aspecto progressivo, dos verbos classificados como de estado, e das situações estáticas e suas manifestações, por se constituírem nos elementos desta pesquisa.

Num segundo momento, utilizamos o trabalho de Zegarac, que parte de uma abordagem pragmática, enfocando o contexto em que se originam implicaturas no aspecto progressivo, para confirmar nossa percepção de que o significado dos enunciados neste aspecto é de cunho semântico e convencional, sem possibilidade de cancelamento. Retiramos os enunciados analisados por Zegarac dos contextos propostos pelo autor para podermos demonstrar que o significado de menor comprometimento se mantém, mesmo fora do contexto que o originou, por força da carga semântica do aspecto progressivo e do aspecto lexical do predicado.

Isto feito, julgamos interessante apresentar um estudo efetuado por Paul Portner (1993), que fornece subsídios para a hipótese de que o progressivo possui um forte componente modal. O autor considera a possibilidade de o significado veiculado pelo progressivo ser de cunho semântico, embora reconheça que a escolha por este aspecto seja de cunho pragmático. Portner faz uma análise semântica minuciosa deste aspecto, à luz de uma teoria elaborada para a análise da semântica da modalidade, mencionando e incorporando, em sua demonstração, estudos a respeito

do aspecto progressivo que foram conduzidos por outros estudiosos, entre os quais, Dowty (1979). Portner (1998) , como Dowty (1979), vê o progressivo como um operador modal intensional.

Por fim, considerando necessário revisar os conceitos e definições de modalidade, buscamos em Bybee & Fleischman (1995) e em Simpson (1993), conceitos de modalidade epistêmica em que o progressivo pode ser inserido.

O segundo capítulo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa e, no terceiro capítulo, os resultados encontrados na mesma são comentados e relacionados às questões teóricas. Concluimos este trabalho com algumas considerações sobre o uso do progressivo, em ambas as línguas, com base nos dados coletados.

Desejo esclarecer que todas as traduções do inglês que aparecem no texto são de minha responsabilidade.

Espero que esta dissertação venha a contribuir para esclarecer algumas questões ligadas ao aspecto progressivo e aos verbos de estado, uma vez que são poucos os trabalhos contrastivos em inglês e português.

Após todos esses meses envolvida com as tarefas do mestrado, constatei o óbvio: pesquisar nos dá a dimensão do pouco que sabemos e do quanto há por aprender. Tenho consciência plena de que mal vislumbro a ponta de um *iceberg*, mas o mais importante é que ficou a vontade de descobrir o real tamanho dele.

QUESTÕES TEÓRICAS

1.1 O conceito de aspecto

O conceito de aspecto entrou nas gramáticas ocidentais a partir de estudos da gramática eslava como o de Miklosich, de 1868-74, sendo o próprio termo uma tradução da palavra russa *vid* , que quer dizer “vista”. O aspecto é um traço comum

nas gramáticas russas e de outras línguas eslavas onde ele é abertamente marcado pelo verbo, assim como o tempo verbal. Em outras línguas européias, as distinções aspectuais são indicadas através do uso de verbos auxiliares como, por exemplo, os verbos *have* e *be*, no inglês. A diferença entre *I was eating* / *I had eaten* é aspectual, uma vez que a primeira sentença indica uma ação em curso, incompleta, e a segunda, ação completa. A questão é complexa e tem sido objeto de estudos por parte de muitos estudiosos, que nem sempre concordam entre si.

Para Freed (apud Binnick, 1991,p.208), aspecto lida com a estruturação temporal interna, por exemplo, a duração relativa, inepção e completamento de atividades verbais. Para Bybee (apud Binnick, 1991, p.208), aspecto se refere à maneira que a constituição temporal interna da situação é vista, listando como categorias aspectuais : *perfectivo, imperfectivo, habitual, contínuo, inceptivo*. Lewis (1988, p.51) observa que, em inglês, além das formas que são vistas como ‘tempos,’ existem muitas outras que são construídas com a ajuda de auxiliares que incluem o que os gramáticos chamam de aspecto e que ele define como “uma forma verbal que envolve o uso de um auxiliar que permite ao falante *interpretar os elementos temporais de um evento*.” Murcia e Freeman (1999, p.17) apontam que os verbos possuem duas qualidades, que são tempo e aspecto. Observam que **tempo**, tradicionalmente, se refere ao momento da ocorrência do evento, enquanto uma distinção típica de aspecto denota se o evento ocorreu ou não anteriormente (aspecto perfeito) ou se ainda está em progresso (aspecto progressivo).

Em Travaglia (1985), encontramos aspecto conceituado da seguinte maneira:

“Aspecto é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação.” (Travaglia, 1985, p. 53).

O autor esclarece que TEMPO, com letras maiúsculas, se refere à idéia geral e abstrata de tempo, sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase.

A definição clássica de aspecto é a de Comrie (1976, p.3): “Aspectos são diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação”. Binnick (1991) cita a definição de Comrie e observa o seguinte:

“a tradição gramatical tem operado, de forma geral, com um tratamento bastante amplo de aspecto exatamente desta maneira, presumindo minimamente sobre a natureza do fenômeno aspectual: as oposições aspectuais têm a ver com a natureza dos objetos temporais (situações, eventos, episódios, etc., sem considerações dêiticas, sem referência ao momento do ato de fala. A consequência de tal latitude tão ampla é uma considerável confusão.” (Binnick, 1991, p.208).

O autor comenta que não há nada de errado em permitir que o termo “aspecto” seja amplo, porém observa que surge um problema quando se tenta compreender o que é que o falante nativo de uma determinada língua com oposições aspectuais sabe que um falante não nativo não sabe e quando se tenta encontrar uma maneira de exemplificar este conhecimento através da gramática. Carlota Smith faz uma abordagem cognitiva da questão do aspecto e o conceitua da seguinte maneira (Smith, 1997, p. XVIII): “Aspecto é o domínio semântico da estrutura temporal de situações e sua apresentação”. A autora propõe o estudo do aspecto através do que denomina de “*The Two Component Theory*”, justificando que se trata de uma abordagem que fornece princípios à relação existente entre o tipo de situação (evento ou estado) e ponto de vista (perfectivo ou imperfectivo) de uma sentença, relação essa que já foi reconhecida por muitos estudiosos. A autora esclarece que se trata de “uma teoria de procedimentos, com tratamento orientado para os processos dos significados semânticos e pragmáticos dentro da estrutura da Teoria da Representação do Discurso”. Esta é uma teoria semântica que trata de informações semânticas e pragmáticas e também inclui informações originadas por inferências, mostrando-se ideal para o domínio do aspecto, porque ela contempla simultaneamente uma representação conceptual e uma interpretação com condição de verdade. A teoria desenvolve uma representação da informação que o discurso veicula, porém inclui os aspectos que não atendem às condições de verdade, ou seja, aspectos pragmáticos. Por isto, uma análise de discurso feita à luz desta teoria

evidência que uma sentença não pode ser desligada do contexto do discurso em que ela aparece. A inserção da teoria dos Dois Componentes dentro da Teoria da Representação do Discurso se deve ao fato de que as estruturas conceptuais da última possibilitam dar conta daqueles significados aspectuais que não possuem condição de verdade. O domínio do aspecto permite ao falante escolher significados aspectuais para apresentar as situações a partir de um determinado ponto de vista, usando os significados gramaticalizados de sua língua para dar enfoque particular à sua apresentação. Isto demonstra que o significado aspectual de uma sentença reflete a decisão do falante de apresentar a situação de uma determinada maneira. A Teoria da Representação do Discurso abre espaço para os conceitos aspectuais, mostrando que eles se alinham com outros conceitos, em especial com os conceitos temporais, e a noção de significado de discurso inclui a idéia de que a maneira através da qual a informação é apresentada pode contribuir para seu significado. Na Teoria dos Dois Componentes, a autora utiliza uma abordagem paramétrica em que, segundo ela, “aspecto é tratado como um sub-sistema que possui sua própria organização interna, características e dimensões, ao longo das quais apresenta variações”. Para dar conta destas variações, Smith propõe princípios formais e substanciais que subjazem ao domínio do aspecto na Gramática Universal¹. Esta abordagem se justifica pelo fato de que os componentes dos tipos de situação e dos pontos de vista aparecem nas gramáticas de todas as línguas, embora o aspecto seja realizado de formas diferentes, de língua para língua. Por considerarmos que Smith aborda a questão de forma nítida, estabelecendo claramente as distinções entre os componentes responsáveis pelo aspecto de uma sentença, foi que optamos por utilizá-la como suporte teórico para esta pesquisa.

1.2 Considerações gerais sobre aspecto

Smith admite que as pessoas façam distinções aspectuais quase que automaticamente, sem um pensamento organizado, e observa que as crianças fazem-

¹ Chomsky introduziu, em 1981, a abordagem dos Princípios e Parâmetros que inclui a noção de uma “*core grammar*”, em qualquer língua, que se constitui num conjunto de princípios com possibilidades de variação paramétrica.

nas facilmente, sem serem ensinadas, o que sugere que estas distinções sejam de base perceptual e cognitiva. Tradicionalmente, aspecto se refere a pontos de vista gramaticalizados, tais como o perfectivo e o imperfectivo. Binnick (1991) cita que em consequência de estudos recentes, tais como os de Dowty (1986), Hinrichs (1986), Dry (1981), Bach (1986) e Smith (1986), (apud Binnick, 1991, p.400) o termo foi ampliado devido à relação observada entre “tipo de situação” e “ponto de vista”, e atualmente inclui as propriedades temporais das situações, ou tipos de situações, o que veio a facilitar a compreensão da questão. Os dois componentes veiculam informações sobre os aspectos temporais de situações, ou seja, sobre seu início, fim, mudança de estado e duração. O que confere perspectiva temporal à sentença é o ponto de vista selecionado pelo falante, que fornece uma vista parcial ou total da situação sobre a qual está falando, conforme os exemplos:

- (1) a. Joana está comendo o lanche.
- b. Joana comeu o lanche.

A localização temporal é indicada pelos tempos verbais e pelos advérbios. O aspecto da situação é responsável pela apresentação de uma situação como parte integrante de uma certa categoria de evento ou estado e, de certa forma, também envolve ponto de vista, porém de forma mais sutil. O tipo de situação é expresso pelo verbo e seus argumentos, e o ponto de vista é indicado morfológicamente com a ajuda de afixos ou de outros morfemas, como a cópula *be*, no inglês. O significado do tipo de situação é determinado pelos diferentes componentes da sentença, ou seja, pelo verbo, os argumentos e os advérbios. O falante escolhe o ponto de vista e o expressa através dos significados explícitos ou implícitos da sentença. Assim, o significado aspectual de uma sentença é uma composição das informações veiculadas pelos componentes do ponto de vista e do tipo de situação.

Leiria (1994), após analisar os enunciados produzidos por crianças, constantes de artigos de Bronckart e Sinclair (1973) e de outros lingüistas (Antinucci e Miller, 1976 – Italiano; Simões e Gammon, 1977 – Português do Brasil; Meisel, 1985 – Bilíngües de francês e alemão e T. Jacobsen, 1986 – Espanhol do Peru), observou que há uma forte relação entre o sentido inerente da base lexical e a forma

aspectual. Segundo Leiria, a criança vai gradualmente adquirindo capacidade de se referir a um evento, usando mais de uma perspectiva aspectual por adquirir mais do que um sistema de formas gramaticais e funções comunicativas e semânticas, vindo a adotar uma estrutura particular para verbalizar a experiência. Estes estudos demonstraram que as crianças adquirem, desde cedo, as formas lingüísticas que marcam a distinção mais básica entre estados e eventos dinâmicos. Os estudiosos reconhecem que, para um falante poder se expressar numa segunda língua, é preciso que conheça o valor semântico de seus pontos de vista e sua distribuição de acordo com os tipos de situação. Conforme Hatav (1993, p.124), “situação é um termo abrangente para as quatro categorias de verbos: *accomplishments*, *activities*, *achievements* e *states*,”.

Comrie (1973, p.13) usa o termo ‘situação’ como abrangente, ou seja, uma situação tanto pode ser um estado, um evento, ou um processo, acrescentando que os estados são estáticos, ou seja, continuam como antes, a menos que sejam alterados; enquanto os eventos e processos são dinâmicos, ou seja, exigem uma contínua carga de energia se não desejarmos que cheguem a um final. Smith usa o termo ‘situação’ como neutro, “algo entre evento e estado”, conforme ela própria explica. Ao apresentar uma situação real, os falantes precisam referir-se a ela como um evento, um estado ou uma atividade habitual.

Os verbos possuem aspecto gramatical e também aspecto lexical e podem ser divididos em categorias com base em seu aspecto lexical inerente. A classificação em categorias tais como *accomplishments*, *activities*, *achievements* e *states* é resultado de estudos feitos, inicialmente, por Vendler (1967). Em seu estudo sobre aspecto no português, Travaglia (1985, p. 76) prefere utilizar uma terminologia própria. O que Lyons (1980) chama de “*accomplishment*” e de “*achievement*”, ele denomina de ‘processo télico’ (“ler um livro”) e ‘evento télico’ (“morrer, lembrar-se”) respectivamente, por considerar desnecessária a proposição de Lyons. Travaglia não vê a necessidade de criar um nome para o que ele considera subclasses, e em sua opinião, além de tudo, isto obscurece o cruzamento das duas noções semânticas. É assertivo na justificativa de sua opção, pois diz não haver encontrado exemplo de evento (situação pontual) atélico em português, o que lhe parece ser mostra da inutilidade daquela terminologia, uma vez que, segundo ele, “não há que distinguir

evento télico de evento atélico”. Eventos, ou situações pontuais, para este autor, “são situações dinâmicas pontuais, momentâneas, não estendidas”. Se os eventos são controlados por agentes, eles são chamados por Travaglia de “atividades” como, por exemplo, pular, bater, morrer, lembrar, vencer. Travaglia dá o exemplo da sentença “Pedro amou Maria” e explica que não há implicação de que um ponto terminal tenha sido alcançado, e complementa dizendo que temos aqui o “perfectivo de um verbo atélico, de forma que a situação não é pontual”. Para ele, todo evento é télico. Como resultado dessa e de outras opções de classificação e nomenclatura, seu trabalho toma um rumo distinto daquele proposto por Smith, que nos parece mais objetivo. Por esta razão, optamos por seguir a orientação e a abordagem feitas no trabalho desta autora. Smith diz que “os tipos de situação são categorias semânticas da língua, classes de situações idealizadas com traços temporais distintos”, e identifica cinco tipos que apresentam as propriedades de dinamismo, duração e telicidade como traços de diferenciação. São eles:

Estados (*states*): com os traços estático, durativo (Em inglês: *know the answer, love Mary*; em português: saber a resposta, amar Maria).

Atividade (*activity*): dinâmico, durativo, atélico (Em inglês: *laugh, stroll in the park*; em português: rir, caminhar no parque).

Realização em tempo maior (*accomplishment*): dinâmico, durativo, télico, consistindo de processo e seu produto (Em inglês: *build a house, learn Greek*; em português: construir uma casa, aprender grego).

Semelfactíveis ² (*semelfactives*): dinâmico, atélico, instantâneo (Em inglês: *knock, tap*; em português: bater em, bater de leve).

Realização (*achievement*): dinâmico, télico, instantâneo (Em inglês: *win a race, reach the top*; em português: ganhar uma corrida, alcançar o topo).

A distinção entre eventos téllicos e atélicos, segundo Garey³, reside no seguinte: eventos téllicos possuem pontos finais naturais e eventos atélicos, não.

² O termo “semelfactíveis” é uma tradução de nossa responsabilidade da palavra inglesa *semelfactives* usada por Smith. Segundo a autora explica, *semel* é uma raiz latina que significa “uma vez” e que era usada na lingüística eslava para se referir a um sufixo que indica um evento único. Smith usa o termo para caracterizar eventos atélicos instantâneos.

O domínio do aspecto possui um componente subjetivo de extrema importância que é a escolha do falante, visto que ele pode apresentar a situação sob diferentes pontos de vista, e pode selecionar o tipo de situação que desejar para apresentá-la. Os exemplos abaixo são traduzidos de Smith ⁴ e demonstram escolhas de diferentes pontos de vista:

- (2) a. Ele reina há trinta anos.
- b. Ele reinava há trinta anos.
- c. Ele reinou por trinta anos.

Os exemplos que seguem mostram a possibilidade de escolha que o falante tem em relação ao tipo de situação⁵:

- (3) a. O navio se moveu.
- b. O navio estava em movimento.

Porque deseja apresentar as situações sob um certo ponto de vista, ou com determinado enfoque ou ênfase, o falante faz uma escolha aspectual, mas esta é limitada pela categorização convencional, pela pragmática e pelo compromisso com a verdade. Smith comenta (1997, p. 6) que existe um senso muito claro de que o significado aspectual de uma sentença reflete a decisão de o falante apresentar o material de uma determinada maneira, e que “os gramáticos de todas as tradições reconheceram o aspecto como o domínio no qual os fatores subjetivos são de extrema importância.”. Grifamos esta observação por considerá-la significativa para esta pesquisa, uma vez que nossa hipótese pressupõe a possibilidade do falante mitigar seu comprometimento com o enunciado, através da opção pelo uso do aspecto progressivo. Michael Lewis (1988, p.6) também faz referência a estes fatores

³ A terminologia foi sugerida por Garey (apud Bauer, 1970) e é derivada da palavra grega *télos*. O critério de distinção, segundo Garey, é a resposta à seguinte pergunta: Se alguém estava “verbando”, mas foi interrompido enquanto “verbava”, essa pessoa “verbou”? Se a resposta for ‘sim’, a ação evidentemente não tem que atingir um objetivo ou conclusão para ser completamente realizada, mas é realizada tão logo inicia e, por isso, é tética. Se a resposta for ‘não’, isto significa que a interrupção deve ter evitado que a ação atingisse seu objetivo ou conclusão, sendo o verbo, então, atético.

⁴ Exemplo retirado de Smith (1997, p.6, ex.8).

⁵ Exemplo retirado de Smith (1997, p.6, ex.9).

quando observa que não podemos analisar a linguagem que uma pessoa usa independentemente da percepção que aquela pessoa tem a respeito do que aconteceu. O autor considera de extrema importância reconhecer as noções e funções, quando tentamos entender significados, pois o falante expressa um determinado significado aspectual através da escolha das formas lingüísticas que são associadas àquele significado. Ele diz que “a escolha das palavras fornece as conotações. As conotações semânticas fornecem as conotações sociais. As conotações sociais não conseguem explicar a escolha gramatical.”

As condições de verdade freqüentemente determinam a escolha do aspecto, mas não a limitam, e é por essa razão que as convenções pragmáticas e seus princípios se fazem necessários para explicar algumas escolhas aspectuais que envolvem diversas considerações, entre as quais, as informações partilhadas pelo falante e seu ouvinte. Assim, a escolha dos falantes é feita de acordo com a gramática e com as convenções pragmáticas de uso para sua língua em particular. O enunciado do falante se insere num contexto situacional, que entendemos como sendo “os dados comuns ao emissor e ao receptor na situação cultural e psicológica, as experiências e conhecimentos de cada um dos dois” (Dicionário de Lingüística, 1973, p.149). Os dois componentes da questão aspectual apresentam características próprias que é necessário reconhecer para poder analisar uma sentença, e que veremos mais detidamente a seguir.

1.3 Aspecto da situação

Nesta pesquisa, damos mais atenção às características e propriedades apresentadas pelas situações ditas estáticas, porque as ocorrências destas situações, no ponto de vista imperfectivo, diferem entre as duas línguas contrastadas.

Dentre os possíveis tipos de situação, temos eventos e estados. As diferenças fundamentais entre estados e eventos são: (a) as relações entre a parte e o todo e (b) o traço de dinamismo. A primeira diferença reside na própria estrutura dos eventos, sendo que eventos durativos possuem um ponto de início e um ponto de término. Uma vez que os estágios internos dos eventos diferem, as relações entre as partes e o todo não são completamente uniformes para todas as classes de eventos. Eventos instantâneos possuem somente um ponto. O ponto de início de um evento marca a

mudança da pausa para a atividade, e o seu ponto de término indica o fim da atividade e a volta para a pausa. Diz-se que os eventos télicos são ‘limitados’ (*bounded*, em inglês), porque seus pontos de término implicam em mudança de estado, e que os estados propriamente ditos são cumulativos e ‘ilimitados’ (*unbounded*, em inglês). A representação gráfica dos eventos ‘limitados’ seria :



E a representação gráfica dos eventos ‘ilimitados’ seria:



O outro ponto de diferença entre eventos e estados é o dinamismo: os eventos exigem energia, pois ocorrem em estágios sucessivos localizados em diferentes momentos, e os estados consistem de um período homogêneo e assim permanecem até que algo, externo a eles, ocorra e venha a ocasionar sua mudança. Eles são situações estáveis que se mantêm por um momento ou por um intervalo. Diz-se que são duradouros (*durative*) porque, mesmo sendo mínima, a duração existe; diz-se que são ‘estáticos’ porque consistem em um período indiferenciado, não possuem estrutura temporal interna e, para apresentar mudança, necessitam de um estímulo externo. Dito de outra forma: os pontos de início e término dos estados não são parte do estado, e sim situações distintas que se constituem em mudanças de estado. Smith apresenta a seguinte representação gráfica do esquema temporal dos estados:



Os pontos de início e término não são parte do estado. Esta representação reflete a intuição de que os estados não “tomam tempo”, conforme anota a autora. A propriedade de subintervalo é freqüentemente considerada por estudiosos como a propriedade que define as sentenças e situações estáticas. As situações com a propriedade de subintervalo mantêm todos os subintervalos de um intervalo e os

estados possuem essa propriedade. Isto significa que numa sentença como *Mary owns a house* não há nenhum intervalo ou subintervalo dessa linha de tempo em que não seja verdade que Mary possui uma casa. As situações estáticas incluem a atribuição de propriedades abstratas ou concretas ao agente do enunciado tais como localização, crença, estados mentais. Alguns predicados se referem a situações que expressam algum tipo de atividade mental como ‘saber’, ‘entender’, ‘acreditar’. Nossa escolha por verbos de estado foi exatamente pelo seu caráter privado, ou seja, para exteriorizar essa atividade interior através de uma sistematização do que intuímos a respeito dela. Carlson (apud Smith, 1991, p.33) distingue dois tipos de predicados: predicados de caráter individual (*individual level*), que denotam propriedades relativamente estáveis, e predicados de caráter temporário (*stage level*), que denotam propriedades transitórias. Por exemplo, [ser brasileiro] é um predicado do primeiro tipo e [estar nervoso], do segundo. Contudo, as línguas diferem entre si, podendo apresentar sentenças estáticas em alguns ou em todos os pontos de vista aspectuais. Em inglês, sentenças estáticas normalmente não aparecem no ponto de vista progressivo. Quando isto ocorre, o verbo de estado em inglês, assume características de evento, por exemplo:

(4) *I'm hating this job!*

Em francês, conforme exemplos que Smith apresenta, todos os pontos de vista são compatíveis com sentenças estáticas de interpretação fechada⁶.

(5) *Marie à vécu a Paris.* (Perfectivo, estática)

Maria viveu em Paris.

A situação estática não pode ser interpretada com o sentido de que ela ainda vive em Paris. Se viver, isto fará parte de uma nova situação. Vejamos agora um exemplo de situação estável no imperfectivo, no francês⁷:

(6) *La mer était calme.* (imperfectivo, estática)

O mar estava calmo.

⁶ Exemplo retirado de Smith (1997, p. 70, ex. 16 a). A tradução é de nossa responsabilidade.

Observamos que o mesmo ocorre no português brasileiro, conforme exemplificam as sentenças abaixo:

- (7) Eu sei do que estás falando. (Perfectivo, estática)
- (8) O marido estava realizado! (Imperfectivo, estática)

Comrie (1976, p.35) observa que em inglês, de modo geral, não é possível usar formas progressivas com verbos de percepção inerte, tais como *see*, *hear*, mas que em português, tais formas são perfeitamente aceitáveis, dando como exemplo a sentença “Estou te vendo lá embaixo da mesa; você não está ouvindo”. Segundo ele, existe liberdade de escolha entre as diferentes línguas, de forma arbitrária, para considerar um verbo como sendo estático ou não.

Quanto aos demais tipos de situação, ou seja, eventos, apresentaremos rapidamente sua caracterização semântica, seguindo a classificação proposta na Teoria dos Dois Componentes:

- nas ‘atividades’ (*activities*), qualquer parte do processo é igual ao todo; a noção de completamento não é necessária para uma atividade; atividades podem ter muitos estágios internos (*eat an apple*) ou apresentar processos que são ilimitados (*sleep*);
- as realizações em RT+ (*accomplishments*) têm como característica o fato de que consistem de um processo e de seu produto ou de uma mudança de estado. O processo avança por estágios sucessivos até atingir seu término, que resulta em um novo estado. Ao chegar a seu término, o evento está completado e não tem continuação. Ele está ligado ao resultado, ou seja, se o resultado de uma realização deste tipo é alcançado, isto significa que o processo ocorreu, como em “Maria subiu na árvore”. Porém, eles podem não vir a serem completados, por uma razão qualquer. Em “João estava atravessando a piscina”, João pode ter uma cãibra, parar e não concluir o processo de atravessar a piscina. Ocorre que, ao falar de um evento que apresenta uma ‘realização em intervalo de tempo maior’, os falantes fazem julgamentos a respeito da maneira como este se relaciona no mundo, pois como este demora para ser realizado, isto é, consome tempo para tanto, nem sempre é

⁷ Exemplo retirado de Smith (1997, p. 72, ex. 24 a). A tradução é de nossa responsabilidade.

percebido como um evento formado por uma seqüência de estágios. Os diferentes estágios destes eventos são interpretados como se formassem um único evento. Ao proferir “João estava atravessando a piscina”, o falante está, na verdade, dando uma interpretação da visão de João entrando na água, dando as primeiras braçadas, chegando ao meio da travessia, alcançando a outra borda, na outra extremidade da piscina. O processo em si é o principal componente deste tipo de situação, sendo essencial para que uma ‘realização em intervalo de tempo maior’ se configure.

- as situações do tipo semelfactíveis não apresentam resultados nem produto. São eventos de um só estágio e por isso são conceptualizados como instantâneos, porque o tempo que consomem é muito reduzido. Eles se constituem na simples ocorrência do evento como [tossir], que se realiza numa fração de segundo, mas é interpretado como instantâneo, porque seu conjunto de características semânticas contrasta com aqueles que são normalmente associados à duração.

- as realizações em RT - (*achievements*) consistem de um só estágio e resultam numa mudança de estado; eles são dissociados de qualquer processo. Não há a ligação com o todo; a sentença só tem valor de verdade para o momento em que o evento ocorre. Carlota Smith as caracteriza como instantâneas, porque se constituem em eventos de um único estágio e, embora estágios preliminares ou resultantes possam ser associados ao evento, não fazem parte dele. Assim, eles consistem de um só estágio que representa, na verdade, uma mudança de estado. As mudanças ocorrem de forma muito rápida e podem enfocar o resultado de uma série de eventos, como em [alcançar o topo], [chegar] ou o evento pode ser instantâneo como [encontrar] ou [perder]. Diferentes tipos de eventos preliminares podem ser associados às realizações mas, conceptualmente, não fazem parte dela.

A diferenciação entre os tipos de situação é feita através de seus traços semânticos, cujas propriedades formam três pares de contraste, que são:

Estático/dinâmico: A distinção entre o que é estático e o que se move é fundamental. O que é dinâmico tem movimento, ocorre, acontece, e o que é estático, se mantém. O traço ‘estático’ denota um período indiferenciado, homogêneo. ‘Dinâmico’ denota estágios sucessivos e estes estágios podem se constituir num estágio incipiente, inicial, intermediário ou final. Eventos são vistos como dinâmicos porque “estão continuamente sujeitos a novas cargas de energia”, conforme Comrie. Eles podem ter agentes que atuam como fontes de energia e

volição. Já os estados, não. Eles estão menos sujeitos à volição. Ninguém decide que idade quer ter: *I am fifty years old*; ninguém começa ou interrompe um processo de crescimento, envelhecimento, por exemplo. Estados não aparecem no imperativo; é possível dizer “Lave seu rosto”, “Desça devagar”, mas não “Possua uma casa” ou “Saiba alemão”, como se isto fosse ocorrer como consequência de um ato diretivo. Somente dentro de um contexto muito particular, enunciados como estes dois últimos ocorreriam. Smith diz que “*events take place in time*” e que estados, “*obtain in time but do not take time*”.

Télico/atélico : Eventos podem ser télicos ou atélicos. Eventos atélicos são simples processos que podem ser interrompidos a qualquer momento, pois não incluem uma realização. Eventos télicos apresentam mudança de estado, atingindo um objetivo, um final. Já os estados, por não apresentarem mudança, são atélicos.

Duradouro/instantâneo : A noção de instantâneo é uma idealização, porque um evento toma tempo, mesmo que mínimo, para ser realizado. Diz-se que um tipo de situação é duradoura porque toma tempo. Este traço é indicado pela presença ou ausência de estágios internos que marcam diferentes etapas de desenvolvimento num esquema temporal.

Smith agrupa as situações conforme suas características mais salientes e as combinações possíveis. Reproduzimos a seguir o quadro elaborado pela autora.

Características temporais dos tipos de situações			
Situações	Características		
	Estática	Duradoura	Télica
Estados (<i>States</i>)	[+]	[+]	[-]
Atividades (<i>Activities</i>)	[-]	[+]	[-]
RT+ (<i>Accomplishments</i>)	[-]	[+]	[+]
Semelfactíveis (<i>Semelfactives</i>)	[-]	[-]	[-]
RT - (<i>Achievements</i>)	[-]	[-]	[+]

(Smith,1997, p.20)

Em português, o aspecto progressivo é usado com verbos de estado, mas também ocorrem algumas restrições, como é o caso de [possuir]: “Eu estou

possuindo uma casa, um carro e um terreno” não é considerado aceitável. Na língua inglesa, os verbos considerados de estado, normalmente não aparecem no progressivo, porém há algumas situações em que ocorrem neste aspecto, sendo então entendidos como eventos. Exemplos detalhados das diferentes leituras que uma mesma situação possa ter serão apresentados na seção 1.4.

1.4 Os verbos de estado no aspecto progressivo em inglês

Em inglês, os verbos estáticos são frequentemente divididos em diversas subcategorias, sendo possível que o mesmo verbo apareça em mais de uma delas, dependendo de seu sentido. Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999, p.119) apresentam as seguintes subcategorias:

Verbos de percepção sensorial: *smell, see, hear, taste, feel.*

Verbos de percepção mental: *know, believe, think, understand, mean, doubt.*

Verbos que expressam emoções, atitudes e opiniões: *like, love, hate, dislike, want, desire, need, prefer, appreciate, doubt, feel, wish.*

Verbos usados para medir, aferir : *equal, measure, weigh, cost.*

Verbos que expressam relações: *contain, entail, consist of.*

Verbos que descrevem: *be, resemble, sound, appear, seem, look.*

Alguns autores explicam que os verbos estáticos não assumem o aspecto progressivo devido a um conflito semântico fundamental entre um aspecto gramatical que denota uma duração limitada, e um aspecto lexical do verbo, que expressa duração indefinida, tornando o exemplo abaixo não gramatical:

(9) * *I am knowing the answer.*

As gramáticas pedagógicas não explicam que traços semânticos dos verbos de estado permitem que, ao serem usados no progressivo, eles alterem seu sentido nuclear. Celce Murcia e Larsen-Freeman (1999, p.120) somente comentam que eles podem ocorrer em algumas situações para criar ‘um determinado efeito’ . Porém, observamos que as situações apresentadas pelas autoras, que serão reproduzidas a seguir, permitem que o leitor infira que os intervalos temporais são expandidos,

marcando pontos de início e término. Todas as situações contêm elementos na sua composição que colaboram para esta percepção de expansão temporal, conferindo ao significado dos verbos de estado uma ‘extensão’ do estado, que é percebida interiormente pelo falante e que ele deseja comunicar. Os estados, sendo durativos e compostos por uma sucessão de subintervalos mínimos, dependendo dos significados dos demais componentes da sentença, podem ter sua duração “estendida” a ponto de isto ser percebido. O aspecto progressivo constitui-se na forma disponível para veicular esta percepção, o que o torna aceitável nestes casos, porque o significado a ser veiculado não mais é percebido como totalmente estático. Celce Murcia e Larsen-Freeman (1999, p. 120-121) apresentam exemplos, que reproduzimos abaixo, de verbos de estado usados no progressivo em enunciados considerados gramaticais, para os quais julgamos interessante apresentar contra-exemplos, considerados não gramaticais, em que os verbos de estado não contêm em seu núcleo de significado subintervalos suficientemente longos para serem intuídos (percebidos). Estes exemplos estão marcados com um asterisco. Usamos nossa numeração, pois os exemplos de Murcia e Freeman não se encontram numerados. Verbos de estado podem aparecer no aspecto progressivo nas seguintes situações, segundo as autoras:

a) para intensificar a emoção expressa pelo verbo:

- (10) a. *I'm hating this job!*
b.* *God, I'm owing you twenty dollars!*

b) para enfatizar o grau de diferenças manifestadas ao longo do tempo, introduzindo mudanças no estado:

- (11) a. *I'm understanding less and less about men's reasoning.*
b. * *I'm understanding that equation.*

c) para contrastar um comportamento atual (12a.) com um comportamento habitual (12 b.):

- (12) a. *He's being rude!*
b. *He's rude.*
a. * *He's being blind.*

d) para indicar duração limitada:

- (13) a. *Are you hearing this?*
b. **Are you hearing his trumpet?*

e) para enfatizar o envolvimento consciente:

- (14) a. *What we are seeing is a microorganism found in algae.*
b. **I'm seeing a spider hanging from the lamp!*

f) para conferir vividez à narrativa:

- (15) a. *One night, in the middle of the night, I'm hearing dripping....*
b. **I'm hearing you two arguing about the same old story.
Why don't you just keep quiet?*

g) para expressar polidez:

- (16) a. *Are you liking it?*
b. **I'm liking your explanation.*

h) para mitigar críticas:

- (17) a. *I like the piano notes but I'm not liking it where the strings come in.*
b. **I like American soft drinks I but I'm not liking Sprite..*

i) para mitigar imposições :

- (18) a. *I was just wanting to invite you for a gathering....*
b. **I'm not wanting to go out tonight. Do you mind if I stay home?*

Vemos também a ocorrência de sentenças em que verbos de estado, inclusive a cópula *be*, apresentam um significado ativo e podem ocorrer no progressivo.

Transcrevemos abaixo exemplos apresentados pelas mesmas autoras. Os contra-exemplos considerados não gramaticais estão marcados com asterisco.

- (19) a. *The baker is weighing the bread.*
b. * *I'm weighing myself every day..*

- (20) a. *You're being a fool.*
b. * *You're being deaf.*

- (21) a. *We'll be tasting wine at the vineyard.*
b. * *It's tasting like strawberry.*

Normalmente, quando um verbo de estado em inglês aparece no aspecto progressivo, diz-se que passou a ser um evento, porque ao expressar dinamismo, ele assume um traço característico dos eventos. Comrie diz que a explicação do por quê os verbos podem ser classificados como estados ou eventos, pode “parecer completamente circular: a progressividade é definida em termos de ‘estatividade’, mas depois é tomada como prova suficiente para classificar um determinado verbo como estático ou não estático”. Ele cita o exemplo do verbo ‘ver’ em português, que pode ocorrer no progressivo porque não é estático, e não é estático porque pode ocorrer no progressivo. Comrie comenta, ainda, que o argumento “depende da existência de um número expressivo de casos onde, de forma clara, línguas diferentes concordem a respeito da atribuição de estatividade”. Porém observa que se o argumento nos levasse “a classificar os equivalentes traduzidos de *die*, *kill* e *hit* em algumas línguas como estáticos, então isto sugeriria fortemente que o argumento estava errado”. Comrie (1976, p.35) faz uma observação interessante a respeito disso quando diz que as diferentes línguas podem escolher, de forma arbitrária, se os verbos serão classificados como estáticos ou não, o que não implica numa diferença necessária de cognição entre as línguas, com relação a estes verbos.

Os exemplos e situações que apresentamos evidenciam que, também no que se refere ao inglês, é necessário pensar em termos de significados estáticos, ao invés de pensar em verbos estáticos. É possível determinar o tipo de situação de uma

sentença, observando suas propriedades sintáticas e semânticas, pois suas características temporais estão relacionadas a seus traços. O quadro aspectual, no entanto, é completado considerando-se tipo de situação e ponto de vista. A seguir, vejamos algumas informações a respeito do aspecto dos pontos de vista.

1.5 Aspecto dos pontos de vista

O ponto de vista aspectual é o enfoque temporal sob o qual o falante deseja apresentar uma determinada situação que se realiza através de uma forma gramaticalizada, cujo significado semântico se constitui na informação que ele veicula. Estes significados semânticos apresentados são consistentes para a língua em que aparecem, fornecem informações e são complementados por significados pragmáticos, sendo independentes do aspecto da situação, mas necessários para tornar visível a situação a que o falante se refere em seu enunciado ou sentença.

Para que seja possível apresentar uma situação sob diferentes pontos de vista, a interpretação pragmática é essencial, porque fatores tais como valor de contraste, contexto, ênfase e mitigação interagem com o significado semântico, como se pode observar através dos exemplos em (c), (g), (h) e (i).

O ponto de vista abrange toda a situação ou parte dela e é por isto que a informação apresentada por ele é afetada pela estrutura da situação sobre a qual se fala. O que é focado possui um *status* especial, que Smith denomina de visibilidade. Somente o que é visível é afirmado e esta informação tem significado convencional que não pode ser mudado nem cancelado. No entanto, os ouvintes podem fazer inferências que possuem cunho conversacional e podem ser canceladas. A Teoria dos Dois Componentes faz uma distinção entre os níveis de interpretação semântico e pragmático, e aponta os significados positivos no nível semântico, as noções de significado contrastivo e inferências no nível pragmático. Além disso, exige que todas as sentenças possuam um ponto de vista, pois é isto que torna possível identificar o tipo de situação. Devido a esta exigência, é introduzido o ponto de vista neutro para categorizar as sentenças sem um morfema aspectual explícito, ou seja, em ‘falta’ ou ‘ausência’ (*default*). Os pontos de vista aspectuais apresentam diferenças semânticas entre si no que se refere à quantidade de informação a respeito

da situação, que é apresentada de forma visível. Os três pontos de vista que Smith apresenta são os seguintes:

Perfectivo: enfoca a situação em seu todo e inclui os pontos de início e término;

Imperfectivo: enfoca um intervalo que exclui os pontos de início e término;

Neutro: inclui o ponto de início e pelo menos um estágio de uma situação.

A análise dos pontos de vista se baseia na evidência fornecida por testes semânticos dos significados que são veiculados de forma convencional. Smith exemplifica esta afirmação com a sentença *Mary was walking to school*. A interpretação de uma sentença no progressivo, tem seu esquema temporal representado graficamente da seguinte forma:

$$\begin{array}{c} I \dots // // // \dots T \\ N \end{array}$$

Um estágio interno do evento télico [*Mary walk to school*] é visível. Sentenças como *Mary was walking to school*, segundo a autora, possuem uma interpretação **aberta** porque esta sentença não denota que um evento completo tenha ocorrido. As situações abertas mostram-se compatíveis com afirmações que dão a entender que a situação continua ou que foi encerrada sem ter sido completada. Vejamos, por exemplo:

(22) a. *Mary was walking o school but she slipped, sprained her ankle and had to go to hospital.*

A sentença acima evidencia que a caminhada de Mary não foi completada. O ponto de término do evento não foi apresentado e o imperfectivo denota o não completamento da caminhada. É possível concluir que o ponto de início do evento ocorreu, e esta inferência é resultante do fato de que parte do evento está visível. O ponto de vista perfectivo não é compatível com afirmações de continuidade e falta de completamento, visto que apresenta a situação como **fechada**. O perfectivo afirma o fechamento, conforme nos mostra o exemplo (23)a. No imperfectivo, através de uma

adição, as sentenças podem vir a ser compatíveis com afirmações de que o evento é fechado (23)b.

- (23) a. *Joshua built a house with the help of his neighbors.*
b. *Jacob was building a barn, in fact, it was finished a week ago.*

O ponto de vista neutro permite interpretações tanto fechadas quanto abertas, uma vez que apresenta as situações como completas, tendo ambos os pontos de início e de término, mas a informação veiculada difere daquela fornecida por um imperfectivo. Os imperfectivos estão abertos às inferências; os perfectivos não, e os neutros estão abertos, mas não da mesma forma que os imperfectivos, pois fornecem informação parcial. Vale observar que a distinção entre situações abertas e fechadas se relaciona ao tempo de narrativa ou ao tempo conceptual e não ao tempo real.

Em algumas línguas, como o inglês, o aspecto do ponto de vista é expresso por um morfema associado ao verbo principal de uma sentença. Em português isso também ocorre, o que é o caso das perífrases com estar + gerúndio. O morfema pode simplesmente indicar o ponto de vista ou pode possuir, também, conteúdo lexical.

Vejam, então, quais são as características de cada ponto de vista e sua relação com os tipos de situação.

1.6 Características dos pontos de vista e sua relação com os tipos de situação

O ponto de vista perfectivo apresenta a situação como um todo, abarca os pontos inicial e final da situação e é fechado no que se refere à informação que veicula. Em inglês, este ponto de vista também é chamado de *simple aspect* por ser sinalizado pela forma simples do verbo principal. Ele pode apresentar eventos que são interpretados como terminados ou como completos, dependendo do tipo de situação das sentenças, e as conseqüentes interpretações são devidas ao significado semântico do aspecto simples.

No que se refere ao ponto de vista perfectivo, em relação às situações estáticas, Smith observou que há possibilidade de três tipos de relações, conforme

demonstrado em estudos feitos com as seguintes línguas: inglês, francês, russo, navajo e chinês mandarim. No primeiro tipo, o perfectivo inclui mudanças e pode haver entrada e/ou saída de um estado, o que permite a ocorrência de sentenças estáticas. Este tipo de relação é observável no francês. O segundo tipo é observado no inglês, que não inclui os pontos de início e de término dos estados, podendo, no entanto, apresentar uma situação estática como aberta. Ver exemplo (24)c. O último tipo, em que o perfectivo não se realiza com sentenças estáticas, ocorre em russo, chinês e navajo. Vemos, assim, que estas relações dependem da língua sob análise, o que justifica estudos contrastivos. A autora observa que em inglês o perfectivo aparece com as constelações de verbos que apresentam situações estáticas as quais permitem tanto uma interpretação fechada quanto uma interpretação aberta, porque o primeiro momento de um estado é igual a qualquer outro momento, conforme os exemplos abaixo⁸:

- (24) a. *Jennifer knew Turkish*
b.*but she has forgotten it all* (fechada)
c.*and she still knows it* (aberta)

Em português, o perfectivo aparece com verbos estáticos e permite as duas interpretações, como ocorre no inglês. Vejamos os exemplos traduzidos:

- (25) a. Jennifer sabia turco
b. mas esqueceu tudo.
c. e ainda sabe.

Linguisticamente, o perfectivo apresenta as situações como sendo pontuais, quer elas possuam estrutura temporal interna, quer não a possuam. Semanticamente, este ponto de vista se caracteriza por apresentar os eventos como fechados, sem informação a respeito de sua duração, sendo a interpretação de ‘pontual’ a mais natural, se a duração não é explicitada. A impressão de pontualidade está presente

⁸ Os exemplos são de Smith (1997, p. 70, ex.17).

tanto nas situações que tomam tempo para se realizar, como naquelas que não consomem tempo, como em:

(26) A velhinha tricou uma manta enorme.

(27) A cera da vela pingou no tapete da sala.

Situações que duram, seja por um instante, minutos ou anos, podem ser apresentadas como pontuais no perfectivo. Diz-se que podem ser assim apresentadas porque semanticamente, o perfectivo apresenta os eventos como fechados, sem informação sobre a sua duração.

Pontual, portanto, segundo Smith, não corresponde a um ponto real, mas sim a uma estrutura fechada que aparece num ponto do tempo, entendido como dimensão. Se visualizarmos as situações como tendo seqüência, uma após a outra no tempo, é possível pensarmos em cada uma delas como se estivesse ocupando um ponto (no tempo), sem importar a sua duração real. Por outro lado, a duração pode aparecer de forma explícita, o que mostra que as propriedades de duração e pontualidade não fazem um par de contraste no aspecto perfectivo.

Na Teoria dos Dois Componentes, são identificados dois pontos de vista imperfectivos: um deles é o imperfectivo geral, que enfoca intervalos de todos os tipos de situação, e o outro é o ponto de vista geralmente denominado de aspecto progressivo. Estes pontos de vista apresentam parte de uma situação sem referência a seus pontos de início e término, porém permitem inferências sobre eles, e tendem a apresentar as situações abertas. O progressivo pode aparecer em todos os tempos de uma língua, enquanto o imperfectivo geral tende a limitar-se ao passado. Em inglês, o ponto de vista imperfectivo, que é denominado de progressivo, é sinalizado pelo auxiliar *be + -ing*, ocorre em todos os tempos verbais, e normalmente aparece somente com as situações que não são estáticas, conforme vimos anteriormente. Em português ele é sinalizado pela perífrase *estar + gerúndio* e também através de morfemas, sendo possível a ocorrência de todos os tipos de situação.

Os exemplos abaixo demonstram que em inglês eventos com estrutura interna aceitam o progressivo, enquanto situações estáticas normalmente são consideradas não gramaticais:

- (28) a. *John was dancing.* (atividade)
b. *The runner was running a mile.* (realização)
c. **Liz was believing the story.* (estática)

No português, aparecem ambos os tipos de imperfectivos. Os exemplos abaixo apresentam sentenças no imperfectivo geral.

- (29) a. O homem estivera em Madri. (estática/ pretérito mais-que-perfeito do indicativo)
b. A criança chorava. (atividade/pretérito imperfeito do indicativo)
c. Ele nadava cinco milhas. (RT -/ pretérito imperfeito do indicativo)
d. As bombas explodiam no chão. (semelfactíveis/ Pretérito imperfeito do indicativo)
e. João construía casas. (RT +/- pretérito imperfeito do indicativo)

O português aceita o aspecto progressivo em todos os tipos de situação e em todos os tempos do indicativo, conforme os exemplos:

- (30) a. Maria estará dançando, feliz da vida. (atividade/ futuro do presente do indicativo)
b. O garoto está ganhando a corrida! (RT -/ presente do indicativo)
c. Luísa está devendo dinheiro para todos nós. (estática / presente do indicativo)
d. Lúcia estava batendo os bifes. (semelfactível/ pretérito imperfeito do indicativo)
e. João esteve fazendo aeromodelos. (RT +/- pretérito perfeito do indicativo)
f. Se eu fosse Maria, estaria rindo sozinha.(atividade/ futuro do pretérito do indicativo)
g. Os policiais estiveram analisando as pistas.(atividade/ pretérito-mais-que-perfeito do indicativo)

O terceiro ponto de vista na Teoria dos Dois Componentes é o neutro. As sentenças que não trazem um morfema que identifique o ponto de vista são classificadas por Smith como pertencentes a este ponto de vista, que se constitui numa ‘falta’ ou ‘ausência’ (*default*) com valor semântico positivo, aparecendo, conseqüentemente, em sistemas aspectuais que permitem que sejam formadas sentenças sem um morfema que indique ponto de vista. Segundo a autora, este ponto de vista é mais fraco do que o perfectivo porque permite leituras abertas, porém é mais forte do que o imperfectivo, por permitir leituras fechadas. Assim, o neutro difere tanto do perfectivo quanto do imperfectivo, e se apresenta como aberto se for considerada a quantidade de informação que veicula. O exemplo transcrito está em francês⁹, no *Futur*, e apresenta situações que podem ser entendidas como abertas ou como fechadas:

(31) *Jean chantera quand Marie entrera dans le bureau.*

João cantará quando Maria entrar no escritório.

A oração principal, analisa Smith, permite uma leitura aberta e uma leitura fechada.

A leitura fechada é uma leitura incoativa porque nos leva a entender que Jean começará a cantar quando Marie entrar. Por ser fechada, esta interpretação tem características do perfectivo. A outra interpretação possível é a de que Jean já estará cantando quando Marie entrar. Esta segunda leitura é aberta e indica que a situação estará em andamento, o que caracteriza o imperfectivo. Em português, um exemplo que permitiria duas leituras seria (32)a, se proferido por um diretor de teatro instruindo os atores:

(32) a. Luísa chama Pedro quando o padre entra em cena.

Numa leitura fechada, ela chama Pedro ao ver o padre entrar. Numa leitura aberta, Luísa primeiramente chama Pedro e, ato contínuo, o padre entra em cena.

⁹ Exemplo retirado de Smith (1997, p.78, ex.35).

A entonação conferida ao enunciado, para a interpretação aberta, seria um componente necessário, marcada graficamente em maiúsculas como no exemplo (32)b:

(32) b. Luísa chama Pedro QUANDO o padre entra em cena.

Uma das razões porque a Teoria dos Dois Componentes propõe a independência entre situação e ponto de vista reside no fato de que alguns pontos de vista não coincidem com a situação, e é para dar conta deles que se torna necessário estabelecer a diferença. Os pontos de vista imperfectivos podem não conseguir abranger o esquema temporal de uma situação, enfocando os estágios preliminares de uma realização, como no exemplo abaixo:

(33) O bombeiro estava alcançando o topo da escada.

Outro argumento para justificar a independência dos dois componentes da Teoria baseia-se no fato de que o tipo de situação sempre é reconhecido pelos interlocutores, não importando qual seja o ponto de vista selecionado, pois a informação lexical contida nele sempre é visível.

Travaglia, (1985), no que diz respeito a pontos de vista, menciona que muitos autores por ele consultados arrolam como noções aspectuais elementos que indicam as fases da situação e que foi por esta razão que ele organizou diferentes subconjuntos de acordo com o ponto de vista do falante. Em seu trabalho, ele reconhece três pontos de vista, que são:

a) o do desenvolvimento da situação, implicando em três fases: início, meio e fim;

b) o do completamento da situação, com duas fases: a da situação incompleta e a da situação completa;

c) o da realização da situação, com três fases: a da situação por começar, a da situação começada ou não-acabada e a da situação acabada.

O autor faz uma observação dizendo: “na verdade, as fases que chamamos de desenvolvimento da situação (início, meio e fim) podem ser consideradas como

subdivisões da fase de realização, que chamamos de ‘fase da situação começada ou não-acabada.’”

A abordagem de Travaglia difere muito da de Smith. Pela conceituação que o autor faz do item (b), podemos reconhecer o que Smith denomina de perfectivo e imperfectivo; no item (c) teríamos a noção de inceptivo no que se refere à fase ‘por começar’. Citamos este autor porque seu trabalho é de porte e específico para a língua portuguesa, porém para um estudo contrastivo, a teoria proposta por Smith nos parece mais precisa e com grande poder explanatório.

Para completar o quadro dos componente que fazem parte da questão aspectual, é necessário considerar a localização temporal das sentenças, o que veremos a seguir.

1.7 Localização temporal

A localização temporal de uma sentença é denotada pelo tempo verbal e por advérbios de tempo. Essa informação especifica em que tempo a situação ocorreu em relação ao tempo da fala. Existe uma interação entre tempo verbal e aspecto. Ambos são sistemas temporais que se complementam: a localização temporal informa quando a situação ocorreu, e o aspecto especifica a estrutura temporal interna da situação. Os advérbios são importantes porque podem mudar o tipo de situação de uma constelação verbal. A avaliação das sentenças toma como base os intervalos que formam a duração, pois é através de sua análise que se torna possível perceber a independência que existe entre ponto de vista e tipo de situação. Smith define tempo como uma dimensão única, desvinculada, com um conceito semelhante ao de espaço. Um tempo de orientação é necessário para localizar as situações no Tempo. Usaremos caixa alta quando a referência for feita a tempo como dimensão, e baixa quando se tratar de tempo verbal. Quando se trata de língua, o ponto de orientação básico é aquele em que o enunciado é proferido, isto é, o Tempo Presente . A representação mais comum é aquela em que o Tempo é representado por uma linha reta em cujo centro está localizado o Tempo de Fala; à esquerda, o Tempo Passado, e à direita, o Tempo Futuro. A representação gráfica é a seguinte:

Linha do Tempo:

<u>Tempo da Fala</u>		
Passado	Presente	Futuro

As situações e os momentos de sua ocorrência são localizados em momentos ou intervalos que tomam como referência o Tempo da Fala, ou seja, quando o enunciado é proferido. O tempo verbal é uma categoria gramatical que apresenta “uma expressão gramaticalizada de localização no tempo”, conforme Comrie (1986, p.9). Smith conceitua tempo verbal como “uma categoria gramatical, um conjunto de flexões verbais ou de outras formas que expressam uma relação temporal com um ponto de orientação”. Já os advérbios de tempo localizam as situações porque as relacionam a outros tempos ou a outras situações e também exigem um tempo de orientação. Dependendo do tipo de orientação que fornecem, os advérbios podem ser classificados como dêiticos, anafóricos ou referenciais. Advérbios também especificam a duração e a frequência das situações e sua presença num enunciado pode influenciar a identificação do aspecto. É baseado nos tempos verbais, nos advérbios de tempo e em elementos contextuais que o ouvinte calcula o tempo desta ocorrência.

Para a formalização da teoria proposta por Smith, é essencial o reconhecimento de três tempos; o Tempo da Fala, o Tempo de Referência e o Tempo da Situação. Smith (1997, p.101) toma como base o trabalho de Hans Reichenbach (1947) que prevê serem necessários três tempos para localizar as situações temporalmente em todos os tipos de sentenças, o que permite uma análise geral que abrange os seguintes pontos: (1) dois tempos entram na localização temporal das sentenças simples; (2) algumas sentenças exigem um tempo adicional porque possuem pontos de orientação secundários e (3) todas as sentenças possuem uma perspectiva temporal. Os três tempos são: o Tempo de Referência, que é o ponto de referência da sentença ; o Tempo da Situação, que é o tempo em que ela se localiza, e o Tempo de Fala, que se refere ao momento em que o enunciado é proferido. A perspectiva escolhida pelo falante irá apresentar o evento sem interferir na condição da verdade expressa pelo tipo de situação.

Galia Hatav (1993, p.211) observa que o tempo de referência sempre é especificado por um advérbio ou pelo contexto, como em “João chegou ontem”. A autora considera que os três tempos propostos por Reichenbach determinam tanto tempo quanto aspecto, sendo que os aspectos interagem com os tempos. A relação entre o Tempo de Referência e o Tempo de Fala, conforme Hatavi, é o que determina os tempos verbais, conforme as representações que ela apresenta e que reproduzimos abaixo. O Tempo de Fala é representado como Rs para indicar sua função como um Tempo de Referência especial, e R significa Tempo de referência.

- Representação do passado: $R < R_s$

- Representação do futuro: $R_s < R$

- Representação do presente: $R = R_s$

(Hatav, 1993, p.211)

A autora observa que, em inglês, ocorrem dois tipos de relações para realizar os diferentes tipos de aspecto: inclusão e precedência, apresentadas através das representações abaixo, em que R significa Tempo de referência, “<” significa precedência, e “ \subset ”, inclusão:

Aspecto simples: $E \subset R$

Aspecto progressivo: $R \subset E$

Aspecto perfeito: $E < R$

(Hatav, 1993, p. 212)

Com relação aos tempos verbais, Smith (1997) reconhece que este tipo de análise deve ser desenvolvido para cada língua em particular e cita anterioridade, posteridade ou simultaneidade como valores relativos que podem possuir uma orientação fixa ou flexível. O mais-que-perfeito do francês, por exemplo, sempre se

refere a um tempo passado. Os tempos que são flexíveis dependem do Tempo de Fala ou de um ponto de orientação já estabelecido. Ela observa, também, que nem toda referência temporal é feita pelos tempos e menciona o caso do inglês, em que o futuro é indicado por um outro tipo de morfema, ou seja, um modal. As línguas apresentam variações também neste aspecto.

De forma ampla, vimos os componentes da questão aspectual. Nosso intuito, ao fazer esta revisão, foi o de localizar claramente o aspecto progressivo dentro deste quadro, para podermos concentrar nosso enfoque em seu significado semântico que, como vimos, depende das suas características temporais e das características aspectuais do verbo.

Buscaremos justificar a noção de que o aspecto progressivo possui caráter de modalidade epistêmica, apoiando-nos em dois estudos que comentamos a seguir.

1.8 Estudos sobre o aspecto progressivo

Zegarac (1993), em seu estudo, analisa as implicaturas decorrentes do uso do progressivo e, ao fazê-lo, reconhece, nos exemplos que arrola, um significado que denota a tentativa do falante de mitigação de comprometimento com o enunciado, o que subsidia nossa hipótese. Este autor analisa, principalmente, a relação entre o significado de uma construção no progressivo e as implicaturas que surgem, objetivando demonstrar que o papel da pragmática não se resume a atribuir referência e a anular ambigüidades, e esclarece que seu artigo não enfoca a relação entre o significado lingüisticamente codificado num enunciado e seu conteúdo conceptual explícito. Porém, como vislumbramos em seu trabalho a possibilidade de enfocar esta relação, que nos permite tirar conclusões úteis para esta pesquisa, tomamos a liberdade de tecer considerações a respeito do significado semântico dos exemplos apresentados pelo autor.

Para a análise das nuances de significado que o progressivo pode assumir, Zegarac parte do pressuposto de que o significado lingüístico do progressivo é definido em termos de duas características:

- (a) conter significado temporal não-delimitado;

(b) fazer referência a um evento que instancia a propriedade denotada pelo predicado.

Zegarac faz referência às intuições sobre “evidência perceptível”¹⁰ que estão intrinsecamente ligadas ao significado do progressivo e derivam do conhecimento enciclopédico que os falantes têm a respeito da instanciação das propriedades, ou seja, dos acontecimentos ou eventos. Segundo ele, os traços dos eventos que serão salientados pelo falante, que são retirados de seu conhecimento de mundo, variam de um enunciado para outro e variam também em função do contexto em que serão proferidos. Por isto, algumas noções, às vezes, aparecem de forma mais saliente ou menos saliente. Para o ponto que ele deseja demonstrar, estas asserções são totalmente pertinentes. Mas Zegarac desenvolve um raciocínio que se aproxima do que pretendíamos averiguar. Ele menciona a Teoria da Relevância de Sperber & Wilson (1986, apud Zegarac, 1993, p.211), que prevê que “um enunciado é otimamente relevante se, e somente se, atinge efeitos adequados sem que haja um esforço não justificado”, concluindo que uma vez que o aspecto simples e o progressivo descrevem situações semelhantes, o falante optará pelo progressivo, que é uma construção mais complexa do que o simples, se pretender alcançar mais efeitos do que alcançaria se usasse o simples. Por isto, ao ouvir um enunciado no progressivo, o próprio ouvinte já fica mais atento a efeitos adicionais que dependerão de fatores como o contexto ou de outras características tais como um uso casual (*loose use*) ou interpretativo. Ao longo do artigo, ele identifica e exemplifica efeitos como reprovação branda, insinceridade e duração limitada, atribuindo-os a implicaturas derivadas do conhecimento enciclopédico ou conhecimento anterior, do contexto partilhado pelos participantes da interação, os quais são acionados no processo de interpretação. Transcrevemos um exemplo apresentado pelo autor ¹¹ para ilustrar reprovação branda:

(34) *Old Lilly is always feeding the pidgeons.*

¹⁰ Goldsmith & Woisetschlager criaram o termo “evidência” para se referir a uma distinção semântica do progressivo. O falante, ao afirmar que acredita que o evento esteja realmente ocorrendo, estaria falando de algo sobre o qual há “evidência”. Zegarac acrescenta a palavra “perceptível” por considerar que “evidência perceptível” se constitui num termo mais adequado porque esta evidência deve ser percebida.

¹¹ Exemplo retirado de Zegarac (1993, p. 211, ex. 23 a).

O falante poderia optar pelo aspecto simples e dizer “*Old Lilly always feeds the pigeons*”, que não dá surgimento à implicatura de reprovação branda. Percebe-se, através da diferença de significado existente entre os dois enunciados, que a escolha do ponto de vista desempenha um papel fundamental para que um determinado significado pretendido seja veiculado. O autor comenta que o interlocutor faz inferências a respeito do enunciado, explorando o fato de que o falante pode estar se referindo a sua experiência pessoal. Segundo ele, a impressão de reprovação branda deriva de uma implicatura. As implicaturas¹² são hipóteses que o interlocutor elabora durante o processo de interpretação, e cujo surgimento se deve a uma busca, por parte do interlocutor, pela relevância maior (*optimal relevance*) dentro do contexto das possíveis suposições que podem ser feitas a respeito do enunciado. Estas, por sua vez, dependerão do contexto em que ele foi proferido. Se, porém, retirarmos do enunciado acima o advérbio de frequência *always*, a implicatura de reprovação branda deixará de existir, quando teríamos *Old Lilly is feeding the pigeons*, que pode ser interpretado como “Tudo o que sei é que agora ela está alimentando os pombos [porém não sei se ela sempre faz isto]”. Parece-nos que a implicatura de reprovação branda surge no enunciado em função do uso do advérbio de frequência, e não devido ao uso do aspecto progressivo.

Para exemplificar insinceridade, o seguinte exemplo é apresentado por Zegarac¹³ :

(35) *John is being polite.*

Zegarac cita o enunciado como sendo um exemplo que apresenta uma implicatura de insinceridade que surge de um contexto em que o falante conhece John. O autor interpreta a situação como denotando que John está instanciando polidez e comenta que, “ por apresentar a situação no progressivo, o falante indica que não se compromete totalmente, pois se este fosse o caso, usaria o aspecto simples.” Com esta afirmação, o autor reconhece que o aspecto progressivo é usado

¹² Paul Grice (1967) criou o termo para dar conta dos significados não-convencionais que são veiculados de forma indireta e entendidos sem serem ditos de forma explícita.

¹³ Exemplo de Zegarac (1993, p.214, ex.25).

como um mitigador do comprometimento do falante com seu enunciado. Parece-nos que o exemplo apresenta uma proposição com significado semântico, que não permite cancelamento, denotando claramente que o falante não deseja se comprometer com uma alegação mais abrangente. O autor comenta que o falante pode estar dando mostras de que acredita que João esteja realmente sendo polido, e salienta que isto ocorre naquela ocasião específica, porque vê a questão como sendo de ordem pragmática. Porém, vendo a questão como semântica, este mesmo raciocínio de Zegarac nos ajuda a apontar a razão pela qual vemos o uso do progressivo como sendo uma questão de modalidade epistêmica, visto que o enunciado expressa a crença do falante na polidez de John e denota que houve uma avaliação do grau de conhecimento que possui a respeito da situação. O falante fez um juízo da atitude de John, optando pelo aspecto progressivo que lhe permitiu um grau de comprometimento menor em relação à verdade contida em seu enunciado. Interpretamos este enunciado como tendo valor de verdade, denotado por uma proposição que não pode ser cancelada, de caráter semântico. O recorte temporal apresentado no exemplo é decorrente da característica temporal de não-delimitação do progressivo, restrito ao espaço temporal que ocupa, revelando que o falante se preocupa com o valor de verdade da proposição. Não há preocupação com o início nem com o término da situação. A preocupação é a de salientar que se trata de parte da situação e não de seu todo. Num contexto em que o falante não conhecesse John, não ocorreria o surgimento de implicatura de insinceridade. Teríamos o falante fazendo a mera descrição do comportamento de John; algo como: “John está sendo polido aqui e agora, mas isto é tudo que posso dizer, pois como não o conheço, não sei se ele sempre age assim, portanto não vou afirmar que ele é polido”. Nesta situação, o falante expressa seu juízo a respeito da postura de John (que ele vê como polida) dando especial evidência ao tempo em que foi feito este juízo (agora) e se esquia do comprometimento com um enunciado mais incisivo que poderia vir a demonstrar que fez um juízo incorreto, já que nem sequer conhece John (John pode normalmente ser bem educado bem como pode ser grosseiro e estar agindo de forma polida somente naquela ocasião). Tanto no contexto em que o falante conhece John, quanto naquele em que ele não o conhece, com a opção feita pelo aspecto progressivo, o falante se compromete menos com a

proposição do enunciado do que se optasse pelo aspecto simples para se pronunciar a respeito de John. O primeiro contexto oportuniza o surgimento de uma implicatura de insinceridade, mas o segundo, não; contudo, a interpretação de menor comprometimento permanece, o que nos leva a observar que o significado convencional do enunciado se mantém (grifo da autora). É esta possibilidade de minorar comprometimento, oriunda de um julgamento feito pelo falante, que percebemos como uma manifestação de modalidade epistêmica e que parece apontar para a necessidade de analisar o aspecto progressivo à luz de uma teoria semântica dos modais.

Zegarac dá um outro exemplo: *Mary is loving the fruit salad*, em que ele percebe uma implicatura de insinceridade e vê como ponto relevante o contraste entre o comportamento presente e o comportamento passado da moça. O conhecimento anterior destes comportamentos é essencial para o surgimento da implicatura de insinceridade, pois é deste contexto que ela deriva. Zegarac afirma que sem o conhecimento da situação, seria feito uso do presente simples, que indicaria de forma conclusiva o amor de Mary por salada de frutas. Ele comenta que, “por usar o progressivo, o falante pode estar evitando se comprometer com a afirmação de que Mary realmente gosta de salada de frutas”. Percebemos um grau de menor comprometimento no enunciado no progressivo, e nos parece que ele se mantém mesmo fora do contexto pragmático proposto por Zegarac, ou seja, se nem o falante, nem o interlocutor conhecessem Mary, o enunciado estaria meramente descrevendo o que ambos viam: Mary se deleitando com a salada. Não surge nenhuma implicatura de insinceridade neste contexto, quer de aprovação, quer de reprovação, quer de ironia. O que está dito é que, naquele intervalo ao qual o falante faz referência, Mary estava comendo e dando sinais evidentes de que apreciava a salada, sendo que ele aparentemente optou por não ser conclusivo a respeito dos gostos de Mary. Caso o falante tivesse optado pelo aspecto simples, talvez dissesse: “Mary parece gostar de salada de frutas”, comprometendo-se menos com o valor de verdade do aspecto simples pelo uso do verbo ‘parecer’ que, nesse caso, funciona como um mitigador. O enunciado no progressivo tem valor de verdade que não pode ser cancelado; é eliminada a possibilidade de se tratar de uma implicatura, mas a

interpretação de comprometimento parcial parece manter-se. Aparentemente, o progressivo representa a opção para o falante que não quer ser conclusivo.

Vejamos outros exemplos¹⁴ apresentados por Zegarac, em que ele mostra a presença da idéia de duração limitada:

(36) *John is living in Muswell Hill.*

(37) *John lives in Muswell Hill.*

Ele comenta que em (37) a propriedade “*live in X*” é vista como relativamente estável, o que não ocorre com o progressivo que convida o ouvinte a interpretar o evento como em andamento. No exemplo (36) Zegarac observa que o significado de duração limitada pode ser entendido como convencionalizado, ou seja, deixou de ser visto como uma implicatura passando a ser interpretado como o significado convencional do enunciado. Entendemos que em (36) o significado do enunciado denota que o falante expressa seu conhecimento parcial da situação, ao invés de denotar seu conhecimento a respeito da duração da situação, ou seja, com um limite de duração implícito.

Zegarac observa que esta noção de ‘temporalidade’, de duração limitada, de que o evento é temporário, não está presente em todo e qualquer enunciado que aparece no aspecto progressivo, demonstrando-o com o exemplo abaixo¹⁵:

(38) *The Earth is turning on its axis.*

Ele diz que, num enunciado como este, que ele considera um tanto quanto estranho, se o ouvinte usar de bom senso, não derivará uma implicatura de duração limitada porque sabe que a Terra gira eternamente sobre seu eixo. Ele concebe o uso deste enunciado num contexto em que um professor estivesse antecipando hipóteses sobre a relação entre as fases da rotação da Terra e/ou a respeito de outros eventos relacionados ao fato, o que coloca a questão na área da pragmática.

Consideramos que tanto em (38) quanto em (36), fica evidenciado que o falante busca se comprometer somente com a porção que torna visível da situação,

¹⁴ No artigo de Zegarac (1993), os exemplos são os de números (30 a) e (30 b), p. 18.

ou seja, com o tanto que sabe a respeito dela e este é que nos parece o ponto de maior valor na questão. O valor de verdade está restrito àquele subintervalo que é parte do intervalo não-delimitado que a construção no progressivo expressa. Analisando os componentes de ambos os enunciados, semanticamente não há como derivar uma interpretação de duração limitada.

No exemplo (38), o significado lexical intrínseco de *turn* denota mudança de posição ao longo de uma dimensão espacial, incluindo a noção de que este “girar” toma tempo, sem nenhuma consideração por duração limitada, conforme Zegarac também observa. Porém, parece-nos que no exemplo (37), também é necessário analisar o significado lexical intrínseco do verbo *live*. No aspecto simples, ele assume um significado estático, apresentando os traços estático e durativo. Ao optar pelo aspecto progressivo, o falante confere ao significado do verbo extensão temporal. Novamente, percebemos a noção de graduação, porque aparentemente, para evitar a afirmação de que John está estabelecido de forma permanente, o falante informa onde ele mora (*in Muswell Hill*). Como não dispõe de uma informação completa com referência à duração da permanência, para ser o mais fiel possível à verdade, usa o progressivo. Este aspecto lhe permite lançar o ‘*live*’ no intervalo temporal do progressivo, que configura mera permanência, de onde possivelmente surge a interpretação da ‘duração limitada’, conflitante com o significado de ‘*live*’, cuja conotação no perfectivo é de estabilidade e não de ‘mera permanência’. No entanto, percebemos “*is living*” como estativizante. Lembremos que o aspecto progressivo descreve a continuação de uma configuração através do tempo sem que ocorra alguma mudança essencial. Isto é, de certa forma, estativizante, pela idéia de permanência que sugere. Para Langacker (1982, p. 279), o verbo auxiliar tem a função de ajustar o perfil temporal do verbo principal. Ele classifica o auxiliar *be* como um predicado existencial estático. Quanto ao *-ing*, pelo fato de que sempre acompanha o *be* no aspecto progressivo, acarreta a sugestão de que ele seja um predicado ‘estatizante’. Langacker coloca a questão da seguinte maneira: “o *-ing* põe o foco de atenção num ponto interno único, selecionado de forma arbitrária, e relativo a um processo”. É ele, portanto, que faz com que o ouvinte perceba a perspectiva interna da situação. Por estar com a atenção enfocando somente um

¹⁵ Exemplo retirado de Zegarac, (1993, p. 218, ex.31 a).

ponto dentro de um processo, a percepção do processo é limitada, tão limitada que os contornos do processo não são aparentes e nem a localização precisa de quem/o que executa a trajetória dentro do processo é evidente. Visto assim, ele é percebido de forma maciça, homogênea, tornando um ponto qualquer do processo equivalente a qualquer outro. Langacker vê, então, que neste sentido, é facultada ao *-ing* a possibilidade de selecionar um ponto qualquer, arbitrariamente, tanto no caso de situações que têm duração e experimentam mudança, quanto no caso das que meramente se perpetuam, sem limites, como é o caso dos estados. Por estas razões, o autor diz que o *be* imperfectiviza o verbo principal.

Não pretendemos, em momento algum, contestar o que Zegarac afirma a respeito das implicaturas surgidas em contextos com o aspecto progressivo. Tão somente utilizamos seus exemplos, fora dos contextos propostos, para servir ao nosso objetivo de comprovar a possibilidade de interpretação de “um comprometimento menor” (grifo da autora), que o próprio autor reconhece.

Passemos agora a outro estudo sobre o progressivo, que contempla a possibilidade deste aspecto atuar como um operador modal.

Paul Portner (1998) apresenta uma análise semântica do progressivo em inglês, em que este funciona como um operador intensional¹⁶, em conformidade com a proposta de análise semântica de modalidade apresentada por Kratzer (1977,1981,1991, apud Portner 1998), combinada à idéia central da análise de influências apresentada por Dowty (1977,1979, apud Portner, 1998). Portner demonstra que o progressivo em inglês possui um componente modal de significado do qual é possível dar conta se for utilizada uma teoria semântica contemporânea e sofisticada dos auxiliares modais. Segundo o autor, o significado do progressivo depende do contexto ao mesmo tempo em que é “monossêmico” (*monosemous*), assim como os modais. Ele sugere considerar a possibilidade de que um morfema aspectual pode ter uma semântica modal, se ‘aspectual’ for vista como sendo uma classe funcional ao invés de ser uma classe semântica. Neste sentido, um morfema poderia ao mesmo tempo ser um modal semanticamente e funcionar como parte de

¹⁶ Dentro do domínio da Lógica (Não Clássica), chamada Intensional ou Modal, tratam-se os problemas relativos a “operadores” que não são “*truth-functional*”. O significado de uma expressão é sua intensão, definida como uma função que, a cada mundo possível, faz corresponder a extensão deste mundo (Gallego, 1987).

uma oposição aspectual. Poderia também ser o caso de que tanto aspecto quanto modalidade sejam verdadeiras classes semânticas que se sobrepõem ou que uma inclui a outra. Dowty (1979) apresentou uma análise do progressivo como um operador modal/temporal, mais precisamente, como um operador comum de necessidade. Para tanto, adotou um esquema que denominou de ‘mundos possíveis’ que Portner analisa e posteriormente associa à análise de modalidade de Kratzer que é mais sofisticada do que aquela apresentada por Dowty, conduzindo a conclusões inequívocas. Uma das idéias centrais desses novos desenvolvimentos iniciados por vários estudiosos (Stalnaker, 1986; Lewis, 1973b; apud Portner, 1998) e também por Kratzer, é a de que a semântica dos modais não funciona tão somente com um conjunto de mundos acessíveis, mas que existe uma noção de comparação entre mundos, sendo alguns deles mais semelhantes ao mundo real ou se aproximando mais de algum ideal do que outros. Portner trabalha o componente modal do significado do progressivo em termos do que ele chama de *ordering semantics* e também incorpora referências feitas a eventos na teoria dos modais, podendo, desta forma, dar conta de alguns dados que motivaram as teorias de Vlach (1981, apud Portner, 1998) e Parsons (1990, apud Portner, 1998), que têm os eventos como base. Ele esclarece que sua proposta permite uma visão geral do progressivo, dando-lhe um tratamento de operador modal com uma sensibilidade particular em relação aos eventos, o que os auxiliares modais padrão não fazem. Após analisar a teoria dos ‘mundos possíveis’, do ‘mundo da inércia’, proposta por Dowty, ele aborda a teoria proposta por Parson, em que a relação existente entre eventos de um determinado tipo que podem ser suspensos (*hold*) e aqueles que atingem sua culminância (*culminate*) é uma relação com base primitiva por duas razões: a primeira seria a de que a semântica do progressivo apresentada por Parsons se encaixa naturalmente dentro de um sistema de tempo e aspecto mais amplo que ele desenvolveu, e a segunda se constitui, na verdade, num contra-argumento à teoria de Dowty, porque o mundo de inércia proposto por este parece inadequado, uma vez que o mundo real, em muitos casos, acaba por se tornar um membro do conjunto dos mundos da inércia. A terceira teoria que Portner analisa é a proposta por Landman (1992, apud Portner, 1998), que prevê mundos possíveis com ‘extensões’ (*continuation branches*) onde são apresentadas possibilidades de continuação/interrupção do evento

apresentado. Landman, assim como Dowty, tenta definir em termos modais o que significa, para um certo tipo de eventos, estar em progresso. As teorias dos três estudiosos servem como base para Portner. Ele concorda com Parsons, quando este autor presume que eventos incompletos de um determinado tipo possuem uma relação com seus semelhantes, que são completados. Das propostas de Dowty e Landman ele retira, respectivamente, as noções de mundos e ‘extensões’. A questão toda gira em torno da potencialidade da verdade contida na sentença progressiva. Para demonstrar seu ponto de vista, o autor propõe uma nova avaliação do progressivo com base em duas idéias principais que prevêm como necessário:

- a) dispor o componente modal do significado do progressivo em termos de uma “semântica de organização”;
- b) incorporar a referência aos eventos na teoria modal, tornando possível avaliar alguns dados que motivaram as teorias de Vlach e Parsons, que são baseadas em eventos.

A semântica para modalidade de Kratzer, na qual Portner se baseia, é um modelo de análise semântica que também pressupõe a existência de mundos possíveis. Segundo este modelo, caso todas as proposições¹⁷ contidas numa sentença sejam verdadeiras, temos aí um mundo real. Porém, entre os mundos que se mostrarem não-ideais, alguns serão melhores do que outros. O conjunto de leis que a sentença impõe para que a proposição seja considerada verdadeira estabelece uma ordem para qualquer conjunto de mundos. São usados dois parâmetros para a interpretação das sentenças: M e L. Cada um deles é uma função dos mundos para os conjuntos de proposições. A função M fornece um conjunto de mundos que serve de linha de base e que é relevante para a interpretação da sentença. Kratzer chama M de Base Modal (*Modal Base*) para a sentença.

Em contraste, L fornece uma organização para os mundos em M, selecionando aqueles que melhor se ajustam às proposições. Kratzer chama L de ‘fonte de organização’ (*ordering source*). As identidades da base modal e da fonte de organização são os primitivos teóricos centrais desta teoria. Portner salienta que não

¹⁷ Proposição é a parte do significado da enunciação de uma sentença declarativa que descreve um estado de coisas que envolve pessoas ou coisas à quais se faz referência através das expressões da sentença. Pode-se usar a noção semântica de verdade para verificar se uma sentença afirma ou não uma proposição.

cabe aos lingüistas explicar como elas surgem. Esclarece ainda que determinar com clareza o que é relevante na base modal e na fonte de organização pode ser uma tarefa difícil, porque sentenças modais são vagas, isto é característico delas, mesmo quando se trata dos modais padrão, e as discussões a respeito de sua verdade ou falsidade podem ser trabalhosos, enquanto os participantes procuram chegar a um consenso a respeito de quais fatos que servem de fundo são os que têm relevância.

Os diferentes tipos de modalidade são distinguidos uns dos outros por terem tipos característicos de base modal e de fonte de organização. Se fosse dado realce à forma, qualquer conjunto de proposições poderia funcionar como uma base modal ou uma fonte de organização, mas na verdade, aqueles que realmente vêm a ser usados, podem ser classificados dentro de diversos grupos, considerando o que é circunstancial, deôntico, ou epistêmico.

A maneira de fazer uma análise semântica do progressivo, nos termos da teoria da modalidade esboçada acima, prevê que o progressivo usa uma base modal circunstancial. Um dos exemplos¹⁸ apresentados por Portner é:

(39) *At 7:00 o'clock Mary was climbing Mt. Toby.*

Para analisar esta sentença, ele parte do pressuposto que a base modal inclui proposições que representem as habilidades físicas de Mary, seu senso de persistência, o que ela estava fazendo até as 7 horas, etc. A base modal de (39) poderia ser algo como¹⁹:

(40) $M(w) = \{ \text{'Mary is in good physical condition'}, \text{'Mary doesn't give up easily'}, \text{'It was raining lightly on Mount Toby at 7:00 o'clock'}, \dots \}$

Se as proposições em $M(w)$ forem vistas como um conjunto de fatos que são importantes para saber se o que está sob o escopo do progressivo apresentado na sentença (39) é verdadeiro, o conhecimento de informações a respeito da saúde de Mary, das condições do clima e outras tantas, é relevante. A sentença é verdadeira na medida em que, se Mary não for interrompida, escalará o Monte Toby. Não seria

¹⁸ Exemplo retirado de Portner (1998, p. 772, ex.29).

possível dar como verdadeira a sentença em todos os mundos possíveis, porque um deles poderia incluir a possibilidade de um acidente, uma queda. A base modal pode ter muitos mundos que são compatíveis com ela. O tratamento que Portner propõe prevê uma fonte de ordenação que enfoque os mundos em que Mary não é interrompida, ou seja, uma fonte onde estes mundos sejam considerados os melhores. O autor exemplifica²⁰ com (41) que seria, então, o apropriado para (39):

(41) $O(w) = \{ \text{'Mary não é comida por um urso, 'Mary não escorrega e não machuca seu tornozelo', 'Um nevoeiro inesperado de verão não aparece no Monte Toby', 'Mary não se perde'....} \}$

Para que (39) seja considerada verdadeira, todas as proposições em $O(w)$, que são o conjunto de fatores externos, precisam se realizar, tornando-se verdades. Assim, de acordo com (40) e (41), todos os mundos compatíveis com a base modal e com a fonte de organização consistem no *Best* (M, O, w) . Em vista disto, o autor diz que, por aproximação, a sentença (39) é verdadeira porque em todos estes mundos, Mary escala o Monte Toby.

Este tipo de análise também prevê que, tendo uma base modal diferente, os mundos melhores, em que tudo estava dando certo, podem já não ser os mundos relevantes. Caso na base modal constasse o conhecimento de que neva muito no Monte e que por causa da neve, ela jamais conseguiria chegar ao topo, embora tudo o mais na fonte de ordenação ainda fosse verdade, os mundos melhores, compatíveis com a base modal, seriam aqueles que fizessem parte de um conjunto alternativo, digamos B, ou seja, mundos em que eventos que impedem a subida de Mary ao topo, e aí, (39) já não é verdadeira.

Podemos, então, concluir que, considerando que o evento em foco é o fato de que Mary está empenhada em escalar uma montanha, a base modal deveria ser um conjunto de fatos relevantes para que este evento seja completado. Com base nos fatos de que se tem conhecimento a respeito do assunto, ou seja, do contexto, é gerado um conjunto de circunstâncias relevantes para que o evento se complete. Por

¹⁹ Exemplo retirado de Portner (1998, p.772, ex. 30).

²⁰ Exemplo retirado de Portner (1998, p.773, ex. 31). A tradução do exemplo é de nossa responsabilidade.

outro lado, a fonte de organização deveria incorporar proposições em que o evento não é interrompido, que também são determinadas pelo contexto. Compõe-se, então, um conjunto de proposições em que o evento não é interrompido.

Os mundos de inércia para um evento são todos aqueles que demonstram ser os melhores em relação a esta base modal e a esta fonte de organização, em particular. Assim sendo, a sentença *Mary is climbing Mount Toby*, conclui Portner, “será verdadeira no intervalo do mundo real se há um evento ocorrendo durante este intervalo no mundo real o qual, não sendo interrompido, se tornará um evento no qual Mary escala o Monte Toby”.

Portner busca atestar a verdade da proposição contida na sentença, que está vinculada com o completamento do evento, tentando estabelecer o elo entre o evento em processo e o evento completo que ele virá a se tornar, quando terá real valor de verdade.

O autor se detém na análise de situações que denotam atividade, porque o seu principal traço é que elas são verdadeiras em todos os subintervalos que compõem o intervalo que o evento instancia. Este traço, segundo Portner, vem a se constituir em uma dificuldade a mais para uma análise que se baseia em eventos, porque eles também podem ser divididos tanto temporalmente quanto espacialmente, quando é preciso fazer referência a sub-eventos e não mais a subintervalos. É devido a este traço que os progressivos de atividade incluem a sua contrapartida no aspecto simples, ou seja, um enunciado como “João está caminhando no parque” acarreta “João caminha no parque”, pois o enunciado no progressivo ocupa a mesma extensão temporal que o enunciado no aspecto simples, se esta situação for longa o suficiente para ser percebida como um evento da caminhada de João. Assim, se os dois enunciados são equivalentes, o enunciado no progressivo é tão verdadeiro no mundo real quanto a sua contrapartida no aspecto simples o é. Quase ao final de seu artigo, Portner diz que era isto que desejava demonstrar. Porém o autor também dá conta de outras ocorrências possíveis. Ele informa que o progressivo pode meramente descrever o evento e também alerta para a possibilidade de que uma interrupção relevante impeça o completamento do evento, quando então ela deverá fazer parte do conteúdo da base modal que depende tanto da natureza intrínseca do evento quanto da forma como ele é descrito. Ele adverte que pode ser difícil determinar de forma

clara a base modal, o que é de se prever numa teoria modal do progressivo que, neste aspecto, se assemelha aos outros modais que também dependem do contexto e que também apresentam esta falta de clareza para que sua condição de verdade seja estabelecida. Portner deixa bem claro que a base modal é sensível à forma escolhida para descrever o evento e não somente ao evento que é descrito, ou seja, é preciso considerar o aspecto da situação e o aspecto do ponto de vista.

O que esta teoria demonstra é a possibilidade de definir em termos modais o que conta como completamento. Portner utiliza, para sua análise, uma teoria modal que foi elaborada para dar conta do que é contra-factual porque considera que, partindo de uma fonte de organização realista do que é contra-factual, que inclua todas as proposições circunstanciais da base modal do progressivo, a verdade contida no contra-factual irá fornecer evidências para que seja afirmada a verdade do progressivo naquele intervalo que ele enfoca.

Este estudo de Portner é importante para nossa pesquisa porque faz uma análise semântica do progressivo e possibilita pensarmos neste aspecto em termos de modalidade.

O que pretendemos averiguar é se, considerando o que vimos até agora a respeito de aspecto e modalidade, o falante escolhe o aspecto progressivo para poder falar a verdade sem se comprometer totalmente com ela, contando com a possibilidade de se expressar de forma a enfocar somente uma parte do todo uma vez que a culminância do evento ainda não foi atingida. Dito de outra forma, ele opta pelo aspecto progressivo para se comprometer com uma fração da verdade de sua proposição. Isto lhe abre a possibilidade de se resguardar do peso da verdade completa, porque não se referiu à situação como integralmente verdadeira. Além do que, por deixar a situação em aberto, implícita a possibilidade do completamento não vir a ocorrer. O uso do aspecto progressivo aparentemente libera o falante do compromisso com a verdade da proposição do evento completo. As razões porque ele faz a opção são de cunho subjetivo e só podem ser inferidas. O significado lexical dos componentes do enunciado é claro e não permite o cancelamento da proposição, mas permite o comprometimento num grau menor. Exemplificando, imaginemos uma situação em que a queda de alguém é tida como certa. Maria está caminhando na margem de um rio, pisa em falso e sua queda tem início. Podemos ver Maria

perder o equilíbrio (como se a cena estivesse nos sendo mostrada em câmera lenta). Seu corpo se inclina, vai tombando, até bater na água. Maria caiu. Porém, antes de ‘cair’, ela ‘ estava caindo’. A progressão do ‘cair’ culmina em ‘caiu’, mas houve um ‘estar caindo’. Se um observador posicionado do outro lado do rio visse a cena e a barranca fosse alta e, ao cair, Maria fosse se agarrando em raízes, grama, qualquer coisa que pudesse evitar seu choque com a água, seria verdadeiro ele gritar: “Ela está caindo no rio!” Ele via parte do evento. Se ela não conseguisse se segurar em algo, este observador provavelmente diria, a seguir, “Ela caiu no rio!”. Se Maria conseguisse se segurar e não caísse no rio, ainda assim, aquele percurso de queda teria ocorrido e o enunciado do observador teria tido seu valor de verdade, porque expressou o que ele efetivamente via: parte da queda de Maria. Ele via parte do evento. Porém, se ela conseguisse se agarrar em algo e não caísse no rio, contra todas as probabilidades que indicavam que nada deteria sua queda, poder-se-ia dizer: “Ela estava caindo, mas não caiu no rio”. Um enunciado estranho, mas possível. Podemos ir mais longe. Digamos que a mãe de Maria estivesse a uns 50 metros da margem do rio, cozinhando no acampamento. Ao ouvir o grito “Maria está caindo no rio!” ela larga tudo, corre para o rio e, impetuosamente, se joga na água, para salvar a filha. Quando vem à tona, vê a menina na margem, já segura pelo pai.

Mais tarde, molhada, zangada, ela xinga o menino que gritou o alerta, dizendo que ele a assustou por nada. E ele diz: “Mas eu não disse que ela caiu no rio, eu disse que ela estava caindo”. Verdade. E, falando a verdade, evita uma reprimenda.

Parece-nos que esta possibilidade de escolha que o falante tem de selecionar o tipo de situação e o ponto de vista, lhe permite não só enfocar a característica temporal do evento: ele também pode, tirando proveito das características temporais do aspecto progressivo, mitigar seu comprometimento com a verdade expressa em seu enunciado.

Vejamus um outro exemplo para mostrar a possibilidade de mitigação. Falemos sobre João. João era vendedor de carros, perdeu o emprego e agora faz cadeiras. Trabalha com o pai que tem uma pequena marcenaria e está fazendo cadeiras para ganhar a vida. Já fez muitas cadeiras, mas enquanto eu disser

(42) a. “João faz cadeiras.”

fica implícito que ele continua a fazê-las, porque foi selecionado um verbo com os traços dinâmico, durativo e télico e porque a opção feita foi a de apresentar o enunciado no perfectivo. É possível optar por outro ponto de vista para falar a respeito dele e, então, dizer:

(43) b. “João está fazendo cadeiras.”

A diferença está em que em (42) o interlocutor é informado de que João atualmente faz cadeiras de forma conclusiva. Já em (43), o interlocutor pode perceber duas informações : (a) atualmente é isto que ele faz, com toda a certeza e (b) não se está afirmando que continuará a fazer cadeiras. Ou melhor, tanto quanto sei, é isto que ele faz. Fica em aberto a inferência de que João poderá vir a fazer outra coisa, quem sabe, voltar a vender carros, mas como não é possível afirmar nada de concreto a este respeito, o falante se expressa a respeito da parte da verdade com a qual pode efetivamente se comprometer. É como se dissesse: “Não me comprometo com nada além do tanto que sei”.

Vejamos agora algumas considerações teóricas relativas a modalidade.

1.9 Modalidade e o aspecto progressivo

Bybee e Fleischmann (1995, p.2) conceituam ‘modalidade’ como “o domínio semântico pertencente a elementos de significado que as línguas expressam”. Segundo elas, o termo abrange uma ampla gama de nuances semânticas como:

hipotético, potencial, obrigatório, exclamativo e outros, cujo denominador comum “é o acréscimo de um suplemento ou de uma sobreposição de significado ao valor, mais neutro, da proposição de um enunciado que é factual e declarativo”. As autoras complementam dizendo que a modalidade pode ser expressada através de formas que não se excluem mutuamente como a entonação de voz, escolhas morfológicas, sintáticas ou lexicais. Grifamos o fragmento porque nos parece adequado ao que observamos quando é feita a sobreposição de valor menor, ou seja, a de comprometimento menor.

Partindo da clássica distinção entre modalidade ‘epistêmica’ e modalidade ‘deôntica’ que tem suas raízes na lógica modal, Bybee & Fleischman estabelecem as relações entre ambas, esclarecendo que a lógica modal se refere a noções de possibilidade e necessidade e que suas categorias, deôntica e epistêmica, se preocupam com estas noções em dois domínios diferentes.

A modalidade deôntica se refere às noções de necessidade e possibilidade. Os atos em que percebemos a modalidade deôntica estão associados às funções sociais de permissão e obrigação e são desempenhados por agentes moralmente responsáveis por eles.

A modalidade epistêmica também se preocupa com as noções de possibilidade e necessidade no que diz respeito à verdade da proposição e envolve conhecimento e crença por parte do falante. Tem como função marcar probabilidade e inferências, geralmente através de marcadores que expressam, de forma explícita, a avaliação da verdade de uma proposição. Esta modalidade expressa o grau de comprometimento do falante para com a verdade da proposição contida em determinado enunciado.

Observando que o comprometimento com a verdade de uma proposição é uma questão de grau e que esta modalidade pode se sobrepor ou ocorrer simultaneamente com uma outra categoria gramatical, denominada de ‘*evidentiality*’²¹, as autoras dizem que não há razão para restringir a noção epistêmica somente ao que se refere a

²¹ As autoras, nas notas bibliográficas (p.13), esclarecem que o termo “evidencial” foi cunhado por Jakobson (1957) para se referir a uma categoria verbal que indica a fonte de informação na qual a informação do falante está baseada. Atualmente, o termo cobre uma diversidade de distinções que estão envolvidas nesta questão de identificação da fonte de conhecimento do falante.

necessidade e possibilidade, conforme os parâmetros da filosofia da linguagem tradicional.

Esta conceituação de modalidade epistêmica dá suporte a nossa percepção em relação ao aspecto progressivo. A definição de modalidade que encontramos em Simpson (1993, p.47), complementa o que é dito por Bybee & Fleischmann. Segundo este autor, modalidade se refere “à atitude ou à opinião do falante em relação à verdade de uma proposição expressa por uma sentença e abrange a atitude do falante em relação à situação ou evento descrito pela sentença, constituindo-se no principal expoente da função interpessoal da linguagem”. Simpson identifica diversas maneiras gramaticais de veicular comprometimento modal que incluem não só os auxiliares modais, mas os advérbios de modo (ou advérbios das sentenças), adjetivos e advérbios de avaliação, sentenças genéricas, e verbos de conhecimento, previsão e avaliação.

O autor identifica quatro sistemas modais no inglês, dando uma idéia ampla de modalidade na língua inglesa, porém vamos nos deter somente no que ele diz a respeito dos sistemas deôntico e epistêmico, com o que visamos esclarecer porque identificamos o aspecto progressivo dentro do sistema de modalidade epistêmica e não deôntica.

Segundo Simpson, a modalidade **deôntica** é o sistema modal da ‘obrigação’, pois se refere à atitude do falante em relação ao grau de obrigação ligada à execução de determinadas ações, e dá a perceber um *continuum* que vai da ‘permissão’ à ‘obrigação’ e à ‘exigência’. Esta modalidade tem sua expressão mais comum nas questões de persuasão e polidez, sendo de grande importância para a interação social. Vejamos alguns exemplos:

(44) *You may go.* (permissão)

(45) *You should go.* (obrigação)

(46) *You must go.* (exigência)

O autor mostra que as expressões deônticas podem combinar adjetivos e participios em construções como “*be....that*” e “*be.....to*” que representam um *continuum* comparável de comprometimento. São apresentados os exemplos abaixo

para mostrar os diferentes graus de obrigação e possibilidade, sempre com a presença do verbo *to be* (ser, estar), mas dependendo do significado do adjetivo ou do participípio para intensificar ou minorar estes graus.

- (47) *You are permitted to go..*
- (48) *It's possible for you to go..*
- (49) *You are obliged to go.*
- (50) *It is necessary that you go.*
- (51) *You are forbidden to go.*

O aspecto progressivo não se insere dentro desta perspectiva, porém se encaixa nas características do que seja modalidade **epistêmica**, que Simpson conceitua como sendo a que se refere à confiança ou à falta de confiança do falante em relação à verdade de uma proposição expressa. Os exemplos ilustram diversos graus de comprometimento epistêmico em relação à proposição básica contida em *It is correct* :

- (52) *It could be correct.*
- (53) *It may be correct.*
- (54) *It must be correct.*
- (55) *It might have been correct.*
- (56) *It should have been correct (i.e. in the context of 'If you followed the instructions carefully').*

Simpson também mostra que a modalidade epistêmica pode ocorrer através de verbos lexicais modais como em²²:

- (57) *I think you are right.*
- (58) *I suppose you're right.*
- (59) *I believe you are right.*

²² Exemplos retirados de Simpson (1993, p.49, ex.22-24).

Como é o falante que faz a opção pela forma, ele sempre pode expressar a proposição básica como uma afirmação categórica, em cujo caso teríamos *You are right*, que expressa o mais alto grau de comprometimento de sua parte, sendo considerado não-modal epistemicamente.

Parece-nos que o aspecto progressivo se constitui numa forma disponível ao falante para que expresse sua falta de confiança na situação como um todo, e buscando comprometer-se parcialmente com a verdade da proposição expressa, é que ele seleciona este aspecto, enfocando um ponto que possui a verdade do todo, mas que permite que seu compromisso seja restrito ao recorte temporal.

As expressões epistêmicas é que estabelecem a distinção entre asserções que são categóricas das que não o são, sinalizando que o comprometimento do falante para com a verdade encerrada no enunciado da proposição está qualificado. Vemos como forte argumento para considerar o progressivo como um modal, o fato de que ele expressa o relativo conhecimento do falante, sua aparente falta de confiança no completamento da situação, e o seu conseqüente grau de menor comprometimento para com a proposição do enunciado. O aspecto progressivo constitui-se na forma disponibilizada pela língua para dar conta do conhecimento parcial que o falante tem/ou quer revelar a respeito da situação. Por estas razões é que o vemos como epistêmico. Em outras palavras, a questão do menor comprometimento possibilitada pelo uso do progressivo remete a graus de comprometimento, uma característica dos modais. Vemos que este grau de comprometimento surge como conseqüência da característica temporal do aspecto progressivo, servindo à função de possibilitar que o falante expresse comprometimento desligado de e/ou não comprometido com o completamento da situação, de acordo com o conhecimento limitado de que dispõe a respeito da mesma.

1.10 Abordagem utilizada nesta pesquisa

Embora haja muita discussão sobre os domínios da Semântica e da Pragmática e tenhamos conhecimento de que ambos contribuem e se complementam para que a informação veiculada seja interpretada com sucesso, optamos por uma

abordagem de cunho semântico, porque julgamos que se fazia necessária a análise semântica do significado convencional das proposições apresentadas no aspecto progressivo, e do significado aspectual deste para investigar a hipótese de que o progressivo pode ser visto como um modalizador epistêmico.

Como a representação semântica representa o modelo mental de um enunciado/sentença, é ela que fornece o significado conceptual do mesmo. Os significados aspectuais modelam a maneira através da qual uma sentença é apresentada e os falantes escolhem os significados aspectuais para apresentar as situações a partir de um determinado ponto de vista, usando os significados gramaticalizados de sua língua para dar determinado enfoque ou ênfase particular a sua apresentação. O sentido veiculado é determinado semanticamente, embora a escolha do ponto de vista tenha caráter pragmático.

Neste trabalho, procuramos analisar os enunciados/sentenças a partir do significado semântico dos componentes da forma selecionada, com o intuito de verificar se no significado convencional encontrava-se clara a representação conceptual do falante. O aspecto progressivo veicula significado tanto quanto o predicado, que possui aspecto lexical, e ambos exigem uma análise semântica para que seus valores relativos sejam estabelecidos. O que determinou que deveríamos optar por uma abordagem de caráter semântico para esta pesquisa foi a constatação de que as proposições apresentadas no aspecto progressivo não podiam ser canceladas e permitiam que os falantes se comprometessem somente com a parte de verdade nelas contida. Este fato apontou claramente para ‘condições de verdade’, e nos distanciou da nossa primeira hipótese que relacionava a questão com implicaturas, o que conferiria à pesquisa um cunho pragmático.

Buscamos investigar com mais profundidade a semântica do aspecto progressivo através da análise de suas características internas temporais, nos detendo, também, nas características temporais dos tipos de situações, por serem fundamentais para a interpretação do significado lexical dos predicados. A análise destes dois componentes é que permite a interpretação dos significados convencionais que este aspecto veicula, através de exemplos em que as situações são apresentadas como ‘abertas’.

Nossa hipótese básica é a de que semanticamente o progressivo pode atuar como um modal de natureza epistêmica, pois o significado veiculado por sua estrutura temporal interna, que apresenta as situações em ‘aberto’, juntamente com o significado do núcleo semântico do predicado, revela tanto o julgamento que o falante faz da situação, quanto o posicionamento que assume face a ela, vindo a denotar, semanticamente, um menor comprometimento de sua parte com o significado de seu enunciado. Caso seja possível comprovar isto, talvez nos encontremos diante de uma ocorrência de modalidade epistêmica. É isto que estamos investigando: esta suspeita de que o progressivo atuaria como um modal que denota a avaliação que o falante faz da situação que deseja verbalizar. No sentido de que o ponto de vista reflete o julgamento do falante e o seu comprometimento, maior ou menor, com a verdade da proposição verbalizada é que o progressivo pode ser visto como um modalizador de caráter epistêmico.

O capítulo seguinte apresenta a metodologia adotada para averiguarmos as hipóteses levantadas nesta pesquisa.

QUESTÕES METODOLÓGICAS

2.1 Sujeitos

Os sujeitos desta pesquisa estão divididos em dois grupos: falantes nativos de língua inglesa (variante americana) e falantes de língua portuguesa (variante brasileira).

O primeiro grupo é formado por dez americanos da região dos Grandes Lagos, com formação superior e dentro do mercado de trabalho. Sua participação foi feita através de correio eletrônico, com a ajuda de familiar residente em Chicago, que estabeleceu os contatos e enviou os instrumentos de testagem num primeiro momento. Para o Teste de Interpretação, alguns contatos foram feitos diretamente, por correio eletrônico.

O segundo grupo se constituiu de dez informantes brasileiros, naturais do Rio Grande do Sul, com formação superior ou em fase de conclusão de curso e que também são ativos no mercado de trabalho.

Estabelecemos limite para a idade dos sujeitos: entre 25 e 60 anos, para contarmos com um discurso atual, por se tratar de pessoas ainda envolvidas com trabalho. Outra variável que julgamos necessário controlar foi a de que todos os sujeitos tivessem formação superior ou que estivessem em fase de conclusão de curso, o que pressupõe maior domínio das diferentes possibilidades lingüísticas e melhor percepção do foco da investigação. Contamos com informantes de ambos os sexos, e não houve uma preocupação em termos quantidades equivalentes de homens e mulheres como sujeitos.

2.2 Instrumentos e coleta de dados

Com o intuito de verificar se minha intuição a respeito das restrições ao uso do progressivo com verbos de estado por falantes nativos de inglês americano era correta, um protocolo foi elaborado e pré-testado junto a dez falantes nativos de inglês, confirmando seu não uso. O protocolo foi aplicado por familiar residente em Chicago. O resultado apresentado encontra-se no Anexo 1, juntamente com o protocolo. O objetivo deste foi o de confirmar que os falantes nativos de inglês de fato consideram incorretos esses enunciados, o que indicou que buscaríamos perífrases para se expressar a respeito das situações estáticas.

Para a coleta dos dados propriamente ditos, utilizamos dois instrumentos. O primeiro é um teste de produção escrita (TPE) para ser completado pelos falantes nativos de português e falantes nativos de inglês, TPE 1 e TPE 2, respectivamente.

O objetivo era verificar a opção de ponto de vista feita pelos sujeitos ao redigir sua resposta, o que mostrou sua interpretação do ponto de vista apresentado na situação como aberto ou fechado, e permitiu verificar as formas gramaticais usadas para tanto. Os instrumentos encontram-se no Anexo 2.

O segundo instrumento, usado para a coleta de dados junto a falantes de português e inglês, TI 1 e TI 2, respectivamente, consiste de um teste de interpretação, e foi elaborado a partir das respostas contidas no primeiro instrumento (TPE). O TI 2, para falantes nativos de inglês, da mesma forma que o TPE 2, foi respondido por dez americanos nativos por correio eletrônico. Seguimos os mesmos critérios para sua aplicação. O objetivo era verificar se os sujeitos identificavam um grau de menor comprometimento veiculado descrito no aspecto progressivo. Estes testes de interpretação (TI 1 e TI 2) se encontram no Anexo 2.

Os TPEs constam de oito itens cada, que contêm a descrição de situações que contam com o envolvimento de um personagem fictício o qual se manifestaria em todas elas, o que é feito pelos sujeitos. As questões exigiam que os sujeitos reagissem à situação como se fossem os sujeitos participantes. As quatro primeiras questões (de números 1,2,3,4) dos TPEs foram descritas de modo a sugerir situações fechadas e completas, isto é, foram descritas no aspecto simples, de modo a eliciar uma resposta neste mesmo aspecto.

As demais questões (de números 5,6,7,8) apresentavam situações em progresso, não-delimitadas temporalmente, possibilitando a opção pelo aspecto progressivo. Nessas últimas, apresentadas como incompletas, a expectativa era a de que os sujeitos de TPE 1 (falantes nativos de português) usassem o aspecto progressivo e de que os sujeitos de TPE 2 (falantes nativos de inglês) optassem por uma perífrase dos verbos de estado. Caso os sujeitos de TPE 2 optassem pela perífrase, essa escolha evidenciaria a percepção, por parte desses sujeitos, de que a situação teria sido vista como incompleta, tal como pretendeu a autora ao elaborar o instrumento. A perífrase seria a demonstração de que o sujeito estava atento à preservação da verdade e, portanto, circunscreveria a sua descrição à parte do evento tornada manifesta. Isto revelaria que desejava se comprometer somente com a parte da situação sobre a qual tinha conhecimento e se o ponto de vista selecionado fosse o

imperfectivo, teríamos indício de que esta é uma forma adequada para demonstrar menor grau de comprometimento.

Tendo em mente a hipótese básica e as hipóteses secundárias, foram selecionados quatro verbos de estado, sendo três deles de percepção cognitiva e um de percepção afetiva, porque denotam situações estáticas e se constituem em um empecilho sintático para os falantes nativos de inglês fazerem referência a uma situação em progresso. A hipótese (4) previa que estes falantes, em TPE 2, usariam perífrases de verbos de estado para manifestar o seu grau de menor comprometimento em relação ao teor de verdade da proposição. Isto viria a reforçar a hipótese básica, já que a mesma intenção observada nos falantes de português seria manifestada pelos falantes nativos de inglês. A hipótese básica é a de que os falantes de português, quando percebem a situação como aberta, incompleta, não desejando se comprometer com a totalidade da mesma, e sim somente com a parte dela que está visível, optam pelo aspecto progressivo para se manifestar.

Outra razão para optarmos por verbos de estado para a pesquisa foi porque julgamos que com estes verbos, o grau de comprometimento dos falantes para com seus enunciados é mais aparente, especialmente no português, onde a realização do aspecto progressivo com verbos de estado é possível.

Os TIs consistem de oito situações hipotéticas, apresentadas como pequenas histórias, em que o personagem principal deve se manifestar. Quatro questões (as de números 1,2,3,4) apresentam situações completas, e quatro apresentam situações incompletas (as de números 5, 6, 7, 8). As quatro primeiras situações, intencionalmente, procuram deixar claro o comprometimento do personagem em relação à mesma. A hipótese básica seria confirmada caso fossem assinaladas as opções que denotavam este comprometimento total, revelando que haviam interpretado a situação como completa, por conseguinte, não comportando um enunciado que revelasse menor comprometimento. As demais questões, intencionalmente, revelam o desejo do personagem de se comprometer somente com parte da situação. A hipótese (4) era a de que as opções apresentadas no aspecto progressivo fossem selecionadas pelos falantes de português e que as perífrases, suas equivalentes, fossem selecionadas pelos sujeitos falantes de inglês, por serem estes os enunciados que denotavam um grau de comprometimento menor do falante em

relação à situação. Nossa hipótese (3) é a de que os falantes de ambas as línguas optariam pela forma que revelasse menor comprometimento como sendo a mais adequada para interpretar uma situação apresentada como incompleta.

Os Testes de Interpretação, TI 1 e TI 2, se distinguem dos TPEs pelo fato de que nestes instrumentos os sujeitos interpretavam as situações e deviam escolher entre dois enunciados que apresentavam opções prontas e/ou escolher a opção (c), que permitia que os sujeitos formassem seu próprio enunciado, caso considerassem inadequadas as outras duas opções disponibilizadas. Os sujeitos falantes de português foram instruídos verbalmente a este respeito. A opção (a) das quatro primeiras questões de TI 1 (1 a 4) foram formuladas no perfectivo e a opção (b) no aspecto progressivo. A opção (b), das questões de números 5 e 7, foi apresentada no aspecto progressivo. A opção (b), para as questões 6 e 8, apresentava uma perífrase do aspecto progressivo como opção para denotar menor comprometimento. Todas as opções (a) de 5 a 8 foram apresentadas com um enunciado no perfectivo.

As quatro primeiras questões de TI 2 (de 1 a 4) apresentavam a opção (a) no perfectivo e perífrases na opção (b), para os sujeitos falantes nativos de inglês.

Nas questões de números 5, 6 e 8, a opção (a) apresentava um enunciado no perfectivo + perífrase modalizadora. A questão número 7 apresentava como opção (a) uma perífrase dos verbos de estado no aspecto progressivo, denotando menor comprometimento. Todas as opções (b) de 5, 6, 7 e 8 foram apresentadas no perfectivo. Os enunciados foram redigidos com base nas formas obtidas através das respostas dadas no TPE 2 (sujeitos falantes de inglês).

A opção (c) abria a possibilidade de os sujeitos formularem seu próprio enunciado, caso as anteriores fossem consideradas inadequadas. Esta última orientação constava no cabeçalho do teste aplicado junto ao sujeitos falantes nativos de inglês.

Para a análise deste segundo instrumento, utilizamos as mesmas abreviaturas de codificação que foram criadas para os TPEs e que se encontram a seguir.

2.3 Análise dos dados

Os enunciados obtidos através dos TPEs, foram divididos em cinco grupos, classificados a partir da análise dos componentes dos enunciados, considerando o aspecto da situação, o ponto de vista dos sujeitos, os tempos verbais, o aspecto lexical dos verbos usados nas perífrases, e advérbios. Estes grupos foram codificados conforme apresentado abaixo. Feito isto, efetuamos a comparação entre os dados obtidos no TPE 1 e no TPE 2.

A classificação dos dados evidenciou cinco grupos de respostas:

Grupo (a): enunciados que denotavam comprometimento total dos sujeitos em relação às questões apresentadas, e que foram manifestados através do Presente do Indicativo e do Pretérito Perfeito, apresentados no perfectivo, aspecto simples, em ambas as línguas.

Grupo (b): enunciados que denotavam comprometimento parcial, através de uma forma perifrástica do perfectivo, apresentando o perfectivo juntamente com uma perífrase modalizadora, apresentados no Presente ou no Passado, em ambas as línguas.

Grupo (c): enunciados que denotavam menor comprometimento, através do aspecto progressivo e da perífrase estar + gerúndio, no português, em que o sujeito usou o verbo de estado proposto no instrumento, no Presente e/ou no Passado, conforme previa nossa hipótese (3).

Grupo (d): enunciados que denotavam menor comprometimento, através do uso de uma forma perifrástica do aspecto progressivo, com o verbo de estado proposto no instrumento, em que os sujeitos usaram o Presente Contínuo ou o Passado Contínuo, em língua inglesa, conforme previa nossa hipótese (4) e os falantes de português usaram formas correspondentes a estes tempos.

Grupo (e) : enunciados em que os sujeitos usaram outras formas para expressar menor comprometimento, ou seja, o Futuro do Pretérito, o Infinitivo e o Futuro do Indicativo.

Os dados foram codificados, após os enunciados terem sido agrupados, usando as seguintes abreviaturas:

Grupo (a) : enunciado no aspecto simples, perfectivo = P

Grupo (b): perfectivo + perífrase modalizadora = PPe

Grupo (c): enunciado no aspecto progressivo = AP

Grupo (d): perífrase dos verbos de estado no aspecto progressivo = APe

Grupo (e): Outras formas para expressar menor comprometimento = OF

Respostas desconsideradas por falta de entendimento = D

As questões não respondidas foram assinaladas com um hífen (-).

Utilizamos o mesmo código para ambos os instrumentos, TPEs e TIs.

Os resultados dos dados obtidos em cada instrumento foram lançados em tabelas, para uma melhor visualização. As mesmas se encontram junto à análise dos resultados de cada um dos instrumentos, numeradas da seguinte forma:

Tabela I, TPE 1, resultados obtidos junto aos falantes nativos de português;

Tabela II, TPE 2, resultados obtidos junto aos falantes nativos de inglês.

Tabela III, TI 1, resultados obtidos junto aos falantes nativos de português;

Tabela IV, TI 2, resultados obtidos junto aos falantes nativos de inglês.

Todos os dados obtidos através dos TIs foram codificados, inclusive os enunciados criados pelos sujeitos e, posteriormente, comparados entre si.

2.4 Limitações da metodologia adotada

O metodologia utilizada apresenta algumas limitações, que foram sendo percebidas à medida que a pesquisa avançava. Uma delas consiste no fato de que não foi utilizado nenhum instrumento que apontasse que razão o sujeito tinha para fazer a opção por determinada forma. Isto poderia ser feito através de um protocolo, após a aplicação dos instrumentos que foram utilizados.

Embora acreditemos que a pesquisa feita se justifica com o limitado número de sujeitos que escolhemos, parece-nos que uma pesquisa com um número maior de sujeitos, permitiria apresentar dados mais completos a respeito da preferência, por determinadas formas, dos falantes de língua portuguesa, para se expressar a respeito de situações interpretadas como incompletas.

No Anexo 3, encontram-se reproduzidas as respostas obtidas através dos TPEs e dos TIs. Os sujeitos estão identificados através de numeração de 1 a 10. Os testes com os dados completos dos sujeitos, tais como nome e endereço eletrônico, encontram-se em poder da autora.

Todas as situações foram elaboradas por nós, pois não dispúnhamos de modelos para estes instrumentos. Tomamos o cuidado de não elaborar questões que pudessem dar margem a julgamentos a respeito dos personagens, o que poderia influenciar as respostas. Tentamos criar situações simples, passíveis de ocorrerem no cotidiano dos sujeitos de ambas as nacionalidades, para evitar que o universo social e cultural particular de cada uma delas influenciasse a interpretação. As questões em língua inglesa foram enviadas para um americano nativo, com curso superior, por correio eletrônico, para serem corrigidas a fim de que a linguagem usada fosse adequada ao discurso atual e natural de um nativo.

Optamos por uma abordagem qualitativa porque os instrumentos de coleta de dados utilizados objetivavam a perceber o grau de comprometimento que o falante expressa, o que se constitui num elemento de cunho subjetivo.

A seguir é feita a análise e discussão dos dados obtidos através dos instrumentos de testagem.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Análise dos resultados obtidos através do TPE 1

A Tabela 1 apresenta os resultados codificados dos enunciados obtidos através deste instrumento de testagem, junto aos sujeitos falantes nativos de português.

TABELA 1

TPE1–Dados obtidos junto aos informantes falantes nativos de português–Brasil2001

Sujeitos	Situações apresentadas como completas				Situações apresentadas como incompletas			
	1	2	3	4	5	6	7	8
1	P	PPE	P	P	PPE	AP	PPE	PPE
2	P	P	P	P	APE	PPE	AP	PPE
3	P	P	P	P	APE	AP	P	PPE
4	P	P	PPE	P	PPE	APE	PPE	PPE
5	P	P	P	P	P	D	OF	PPE
6	P	P	P	P	APE	D	OF	PPE
7	P	P	P	P	P	AP	P	PPE
8	P	P	OF	P	PPE	AP	PPE	P
9	P	P	P	P	AP	AP	OF	PPE
10	P	P	P	P	PPE	AP	AP	P

É possível observar que as situações apresentadas como completas foram, em sua maioria, assim interpretadas, com exceção dos sujeitos 1 (situação 2) e 4 (situação 3), que optaram por perífrases do perfectivo, e do sujeito 8 (situação 3), que optou por uma outra forma. O sujeito 1 manifestou menor comprometimento com a totalidade da situação, inserindo o verbo ‘necessitar’ em seu enunciado, que foi o seguinte: “Eu entendo o que o professor explica, mas necessito estudar mais”. Ao afirmar “necessito estudar mais” o falante aparentemente desejava mitigar seu comprometimento com a verdade da proposição de seu enunciado. O sujeito 4, na situação 3, revela, através do enunciado “Eu amo você e agora que te encontrei, farei tudo para não te perder”, a necessidade de um esforço para manter a situação como total, o que também expressa comprometimento parcial. Já o sujeito 8, em relação à situação 3, optou por uma forma classificada como OF, que também evidencia comprometimento parcial. Seu enunciado foi o seguinte: “Eu a amarei pelo resto de

minha vida, mas precisamos nos conhecer melhor”. Seu enunciado expressa uma condição para cumprir o que ele afirma.

No primeiro bloco de situações, de números 1 a 4, a maioria dos sujeitos manifestou seu comprometimento total em relação às situações apresentadas como completas. Observa-se que os sujeitos que optaram por PPs também se comprometeram, porém com uma proposição de menor força. Obtivemos 37 enunciados no perfectivo, representando 92,5 % das respostas, o que confirma uma grande maioria de interpretações das situações como completas.

No segundo grupo (questões de 5 a 8), em que as situações são apresentadas como incompletas, a hipótese básica previa que os sujeitos optariam pelo aspecto progressivo ao se manifestar, para denotar menor comprometimento. Somente 9 dos 40 enunciados obtidos apresentaram este aspecto. Obtivemos os seguintes enunciados no aspecto progressivo (AP):

Situação 5:

Sujeito 9: “Eu estava acreditando que se tratava de um carteiro”.

Situação 6:

Sujeito 1: “Pode continuar a explicação, vagarosamente, que eu estou entendendo”.

Sujeito 3: “Estou entendendo”.

Sujeito 7: “Pode prosseguir, estou entendendo a explicação”.

Sujeito 8: “Não se preocupe, eu estou entendendo um pouquinho de francês”.

Sujeito 9: “Estou com dificuldade, mas estou entendendo a explicação”.

Sujeito 10: “Sr., continue, estou entendendo as suas informações de como chegar até o museu”.

Situação 7:

Sujeito 2: “Eu estou amando conhecer você melhor, pois você é uma pessoa maravilhosa”.

Sujeito 10: “Estou aprendendo a te amar”.

Nestes enunciados, 8 sujeitos utilizam o aspecto progressivo com verbos de estado para denotar que há um processo em curso, incompleto. As proposições denotam que os sujeitos evitam comprometimento total. O ponto de vista selecionado

os auxilia a denotar o não-completamento do que o significado lexical dos verbos de estado expressa. Estes enunciados corroboram a hipótese básica e a hipótese (2).

A maioria dos sujeitos optou por uma forma perifrástica do perfectivo para se manifestar. Dentre os 40 enunciados, obtivemos 16 PPs, que representam 40% das opções. Esta forma também denota menor comprometimento com a verdade da proposição contida no enunciado, e isto é feito através de outros componentes lexicais que mitigam a força do enunciado no perfectivo. Os PPs obtidos foram os seguintes:

Situação 5:

Sujeito 1: “Eu estava quase convencida que a pessoa era o carteiro; acreditei que ninguém poderia mentir tanto e tão bem”.

Sujeito 8: “Eu até acreditei que ele era um carteiro, mas quando eu disse que iria descer para receber a carta e ele disse que não precisava, então eu desconfiei”.

Sujeito 10: “Quase acreditei que o ladrão era carteiro, ainda bem que o sr. chegou”.

Sujeito 4: “Ele foi muito convincente, quase acreditei em sua história, porém alguma coisa me dizia, que havia algo errado”.

Situação 6:

Sujeito 2: “Eu consigo entender suas explicações, mesmo que com um pouco de dificuldade”.

Situação 7:

Sujeito 1: “Amo você! Apesar disso, acho que devemos nos conhecer melhor”.

Sujeito 4: “A última coisa no mundo que eu quero é te magoar, por isso preciso ter certeza absoluta para dizer que te amo”.

Sujeito 8: “Eu acho que lhe amo, mas tenho receio de vivermos juntos”.

Situação 8:

Sujeito 1: “Eu posso falar do meu trabalho. Cada um sabe de suas atividades”.

Sujeito 2: “Eu sei que houve um desfalque, mas não tive acesso a nenhum fato, somente boatos, sobre os quais eu não gostaria de comentar por não ter certeza”.

Sujeito 3: “Eu não saberia informar com certeza”.

Sujeito 4: “Eu não sei nada mais do que boatos, por isso não posso me manifestar sobre o assunto”.

Sujeito 5: “Eu não tenho certeza, portanto prefiro dizer que não sei de nada”.

Sujeito 6: “Eu não quero saber de comentário a respeito disso”.

Sujeito 7: “Eu sei de alguns fatos, mas sei por outras pessoas, prefiro não comentar por enquanto”.

Sujeito 9: “Eu não sei nada mais além dos boatos que todos já ouviram”.

Os sujeitos optaram pelo perfectivo mas, através de uma perífrase modalizadora, mitigaram seu comprometimento com a proposição, denotando que este é somente parcial, em relação à verdade expressa. Os enunciados apresentam componentes lexicais que mitigam a força do verbo de estado. Na situação 5, os sujeitos 1,4 e 10 utilizam o advérbio ‘quase’ para mitigar o significado de ‘acreditar’. O sujeito 8 utiliza o advérbio ‘até’ e o verbo ‘desconfiar’ para minorar a força de ‘acreditei’. Com relação à situação 8, quatro sujeitos utilizaram o advérbio ‘não’ em seus enunciados, negando comprometimento. Está manifesta a preocupação em admitir conhecimento a respeito da situação, mas ao mesmo tempo, estes sujeitos procuram deixar claro, através do advérbio de negação, que não conhecem a situação em sua totalidade.

Os enunciados referentes à situação 7 denotam que, embora admitindo amar a pessoa envolvida na situação apresentada, os sujeitos não desejam se comprometer totalmente. O sujeito 8 utiliza o verbo ‘achar’; o sujeito 1 utiliza ‘acho’ e também ‘devemos’, para reforçar que é preciso se conhecer melhor, mitigando, através destes verbos menos enfáticos, seu comprometimento. O sujeito 4 diz que não tem certeza total de que ama, porém também não afirma que não ama. Ele, na verdade, expressa amar sem certeza absoluta, ou seja, compromete-se somente com parte de sua proposição.

Estes enunciados obtidos evidenciam que a perífrase do perfectivo é uma forma que os falantes nativos de português utilizam para denotar comprometimento parcial. Nossas hipóteses não previam a ocorrência desta forma. Uma das possíveis razões para seu uso pode ser a exigência feita de que fossem usados os verbos de estado selecionados para a formulação dos enunciados. Caso seja esta a razão, pode-se cogitar a hipótese de que os falantes de português também façam algumas restrições ao uso de verbos de estado no progressivo, embora a sintaxe da língua o permita, o que exigiria outros estudos a respeito desta questão.

Obtivemos 4 enunciados em que os sujeitos optaram por uma perífrase do aspecto progressivo (APe):

Situação 5:

Sujeito 2: “Eu estava começando a acreditar nele depois que ele respondeu às minhas perguntas de forma tão convincente”.

Sujeito 3: “Eu estava quase acreditando”.

Sujeito 6: “Já estava acreditando, ainda bem que não se concretizou o pior”.

Situação 6:

Sujeito 4: “Pode prosseguir, eu estou conseguindo entendê-lo”.

A opção feita pelos sujeitos, por uma perífrase do aspecto progressivo, reforça nossa hipótese geral de que este aspecto é utilizado para veicular menor comprometimento, mesmo não obtendo o verbo de estado como predicado do enunciado. O sujeito 2, por exemplo, admite claramente que acreditou somente em parte do que ouviu. Seu comprometimento se limita ao ‘começando’ a acreditar. É uma forma inceptiva do aspecto progressivo.

O número de enunciados no perfectivo correspondeu a 15% do total de dados obtidos. Foram 6 enunciados obtidos nas seguintes situações:

Situação 5:

Sujeito 5: “Eu acreditei no que ele me disse”.

Sujeito 7: “Eu desconfiei no princípio, mas ele foi tão convincente que eu acabei acreditando nele”.

Situação 7:

Sujeito 3: “Eu amo você”.

Sujeito 7: “Eu amo estar com você e sentir tudo que acontece quando estamos juntos”.

Situação 8:

Sujeito 8: “Eu sei do que está acontecendo, porém prefiro não tomar partido”.

Sujeito 10: “Eu não sei nada sobre este assunto”.

A opção por um perfectivo indica que os sujeitos preferiram se manifestar de modo conclusivo a respeito da situação. Aparentemente, não existe o desejo de se comprometer somente de forma parcial com a proposição de seus enunciados. Manifestam comprometimento total com a verdade de sua proposição, conferindo

valor pleno ao significado do verbo de estado. Estes enunciados indicam que a questão aspectual parece encerrar um significado de comprometimento, aparentemente vinculado ao significado do ponto de vista escolhido pelo falante, deixando perceber alguma ligação com a questão temporal que denota completamento ou não completamento. Os enunciados referentes à situação 8, proferidos pelos falantes 8 e 10, denotam claramente o desejo de não envolvimento com a situação descrita. O sujeito 7, com relação à situação 5, admite ter acreditado no ladrão, mas manifesta a razão que o levou a isto.

Obtivemos 3 enunciados classificados como OF (outras formas):

Situação 7:

Sujeito 5: “Poderia amá-la com o tempo”.

Sujeito 6: “Amar sempre deve ser com uma certa segurança”.

Sujeito 9: “Você é maravilhosa, me sinto atraído por você”.

Estas formas também denotam menor comprometimento, porque os sujeitos evitam se expressar de modo conclusivo a respeito da situação. Dois enunciados obtidos denotaram que os sujeitos não entenderam a situação apresentada.

Os dados obtidos demonstram que há mais de uma forma usada pelos falantes nativos de português para se manifestar a respeito de uma situação incompleta, quando desejam mitigar comprometimento.

Em percentuais, os dados mostram que obtivemos:

40% de PPes, com 16 enunciados;

22.5% de Aps, com 9 enunciados;

15% de Ps, com 6 enunciados;

10% de Apes, com 4 enunciados;

7.5% de Ofs, com 3 enunciados e

5% de D's, com 2 enunciados.

3.2 Análise dos resultados obtidos através do TPE 2

A Tabela 2 apresenta os dados obtidos através deste instrumento junto aos falantes nativos de inglês.

TABELA 2

TPE 2 – Dados obtidos junto aos informantes falantes nativos de inglês – EUA 2001

Sujeitos	Situações apresentadas como completas				Situações apresentadas como incompletas			
	1	2	3	4	5	6	7	8
1	P	PPe	P	P	APE	PPE	APE	OF
2	P	P	P	P	PPE	P	P	PPE
3	P	P	P	P	PPE	PPE	PPE	PPE
4	P	P	P	P	PPE	P	PPE	PPE
5	P	PPE	P	P	PPE	PPE	PPE	PPE
6	P	P	P	P	P	P	APE	PPE
7	P	P	PPE	P	PPE	PPE	PPE	PPE
8	P	PPE	PPE	P	P	PPE	APE	PPE
9	P	P	P	P	P	PPE	APE	PPE
10	P	PPE	P	P	PPE	P	APE	PPE

Iniciaremos pela análise dos enunciados obtidos com relação às situações apresentadas como completas, que são as de números 1 a 4.

De um total de 40 enunciados, 34 foram apresentados no perfectivo. Houve seis ocorrências de PPs. O percentual obtido foi de 85% de Ps e 15% de PPs. Diversos sujeitos utilizaram intensificadores para reforçar seu comprometimento com a proposição dos enunciados. Isto denota que interpretaram a situação como completa e também o seu desejo de se manifestar de forma conclusiva a respeito da mesma. Reproduzimos abaixo alguns destes enunciados:

Situação 4:

Sujeito 6: “ *I absolutely know how to insert charts*”.

Sujeito 7: “ *I know I can successfully insert the charts that you need in your document*”.

Sujeito 10: “ *I know that stuff really well and can help you*”.

Sujeito 2: “ *I know computers like the back of my hand, so please don't worry*”.

Situação 3:

Sujeito 8: “ *I truly love you*”.

Situação 1:

Sujeito 2: “*I truly believe in the healing power of the mind*”.

Esta interpretação dos sujeitos comprova que as questões apresentadas atingiram seu objetivo de mostrar as situações como completas.

Reproduzimos abaixo alguns Ppe's:

Situação 2:

Sujeito 1: “ *I don't always understand the material the way Mr Teach explains it but I remember what he says and put it in context with other information in my life and then it makes perfect sense. Try that and the material won't seem so difficult.*”

Sujeito 5: “ *I tell you my friend, even though this class is very hard, I am able to understand the subject matter because the teacher is so good at explaining things in a way that makes sense to me.*”

Sujeito 8: “ *I usually understand what is taught in class because the teacher teaches so well.*”

Embora utilizando os verbos de estado no aspecto simples, as perífrases modalizadoras, mitigam a força da proposição. O PPe se constitui numa forma que denota menor comprometimento com a verdade da proposição contida no enunciado do sujeito.

O segundo grupo de questões apresentava as situações de números 5 a 8, situações apresentadas como incompletas. A hipótese (4) previa que os sujeitos falantes de inglês optariam por perífrases dos verbos de estado no aspecto progressivo para denotar menor comprometimento. Obtivemos 25 PPe's, ao invés de uma maioria de APs, conforme era a expectativa. Os sujeitos optaram por usar o perfectivo + uma perífrase modalizadora para denotar comprometimento parcial. Alguns destes enunciados são reproduzidos abaixo:

Situação 5:

Sujeito 2: “ *I am sad to admit that for a while I believed the thief's story*”.

Sujeito 3: “ *I partially believed he was the mailman but wasn't entirely convinced*”.

Sujeito 4: “ *I almost believed him*”.

Situação 6:

Sujeito 1: “ *I understand much of what you say*”.

Sujeito 3: “ *I understand most of the directions you are giving me.*”

Sujeito 5: “ *I understand most of what you are saying*”.

Situação 7:

Sujeito 3: “ *I feel a real closeness to you and love you as a friend*”.

Sujeito 4: “ *I think I love you*”.

Situação 8:

Sujeito 3: “ *I know that there has been an embezzlement in my company and know one of the people allegedly involved, but do not know anymore than that at this time.*”

Sujeito 6: “ *I know one of the guys involved, but I do not have any real facts about the situation*”.

Sujeito 7: “ *I do not know anything factual about this situation*”.

Todos estes enunciados, bem como os demais PPs obtidos, denotam comprometimento parcial através do uso de advérbios ou de verbos com aspecto lexical menos enfático. A proposição no perfectivo é mitigada através do significado lexical de outros componentes lingüísticos que retiram do predicado a força que ele adquire no aspecto simples. Os falantes aparentemente optam pelos PPs pelo fato de que existe um impedimento sintático em relação ao uso do aspecto progressivo com verbos de estado. No entanto, por se sentirem compromissados com o fato de conhecer somente a parte da verdade que lhe foi apresentada através de uma situação incompleta, recorrem a outros elementos disponibilizados pela língua. A preferência demonstrada pela maioria dos enunciados com PPs, ao invés de APes mereceria ser investigada por um estudo posterior.

Seis sujeitos optaram por perífrases dos verbos de estado no aspecto progressivo (APes). Reproduzimos alguns destes enunciados:

Situação 5:

Sujeito 1: “ *I believe I was being naïve and must be more careful. Thanks for speaking up and saving.....*”

Situação 7:

Sujeito 1: “ *I believe my heart is telling me I love you but my head tells me to wait until we have known each other longer*”.

Sujeito 6: *“I love being with you, I am just not sure yet that I love you”*.

Sujeito 8: *“I think I am beginning to fall in love with you”*.

Os enunciados acima, bem como os demais APes que não reproduzimos aqui, denotam que os sujeitos desejam deixar claro seu comprometimento parcial com a proposição contida em seus enunciados. O uso de APes estava previsto em nossa hipótese (4). O protocolo que consta no Anexo 1 também antecipava que estes sujeitos não usariam o aspecto progressivo com verbos de estado. A expectativa era de que a maioria dos enunciados fosse Ape, o que não se confirmou. Eles representam somente 15% das respostas obtidas.

Os sujeitos optaram pelo perfectivo em 8 oportunidades, o que representa 20% do total de enunciados. É um percentual expressivo, considerando que as situações deixavam claro que os personagens não desejavam se comprometer face a uma situação ainda em aberto. Alguns destes enunciados são:

Situação 5:

Sujeito 6: *“I did not believe his answers to my questions”*.

Sujeito 8: *“I believe the man outside the door was pretty convincing , so I am glad you came along when you did”*.

Sujeito 9: *“I believe he was trying to use me to gain entry into the building. I believe he was looking for someone to just buzz him so he could break into someone’s apartment”*.

Situação 6:

Sujeito 2: *“I am grateful for your time and now clearly understand the directions to the museum”*.

Sujeito 4: *“I understand what you are saying”*.

Sujeito 6: *“I understand what you are telling me”*.

O sujeito 6 é positivo em seu enunciado referente à situação 5, porque aparentemente testou o ladrão com suas perguntas e as respostas obtidas não o convenceram. Isto evidencia que o sujeito imaginou toda uma situação se desenrolando diante de si, e realmente se colocou no lugar do personagem. Ele deu continuidade à situação apresentada. Seu enunciado, aparentemente, é consequência

do que imaginou. Os sujeitos 8 e 9 interpretaram a situação de maneira semelhante. Ambos manifestam acreditar na intenção do ladrão de entrar no prédio. Nenhum dos dois sujeitos, no entanto, enfoca a sua crença no que o ladrão dizia. Eles deslocam o foco da questão de o ‘acreditar/ não acreditar’ no que **ouviam** do ladrão, para ‘acreditar/não acreditar’ no que o ladrão pretendia **fazer**. Como o que um ladrão quer fazer não deixa dúvidas, os enunciados naturalmente foram conclusivos provavelmente devido à interpretação feita por estes dois sujeitos.

Com relação à situação 6, os sujeitos são categóricos em afirmar que entenderam as direções que lhes foram dadas. Parece-nos que aqui voltamos ao ponto que deu início a esta pesquisa. Para um falante nativo de inglês, aparentemente, não há *meio-entender*. O aspecto lexical do verbo *understand* é muito forte. Se a questão 6 mostra alguém dizendo que está acompanhando, entendendo, o que lhe está sendo dito, a opção destes falantes denota que lhes parece natural concluir que as informações haviam sido completamente assimiladas. Somente um dos sujeitos optou por um enunciado classificado como OF, representando 2.5% do total dos dados obtidos.

Passamos à comparação dos dados obtidos através dos dois TPes.

3.3 Comparação entre TPE 1 e TPE 2

Os dados obtidos através destes dois TPes, com relação às quatro primeiras questões, demonstraram que os sujeitos, em sua maioria, interpretaram as situações como completas. Isto nos leva a concluir que a opção pelo perfectivo é resultado do desejo de se comprometer totalmente com a verdade das proposições enunciadas.

Já no segundo bloco de questões, que foram apresentadas como incompletas, os sujeitos de TPE 1 usaram 9 APs, 16 PPes, e 4 APes, totalizando 29 enunciados que denotavam menor comprometimento. O número expressivo de PPes indica a possibilidade de restrição semântica ao uso dos verbos de estado no aspecto

progressivo, especialmente em relação aos verbos ‘acreditar’, ‘amar’ e ‘saber’, que apresentaram um número maior de opções por PPs. Os sujeitos falantes nativos de inglês, também optaram por formas que denotavam interpretação da situação como não completa, através de 6 Apes e 25 PPs. O perfectivo + perífrase modalizadora mostrou ser a forma preferida também pelos sujeitos de TPE 2.

O número de opções pelo perfectivo, em ambos os instrumentos, foi expressivo. Foram 6 Ps no TPE 1 e 8 no TPE 2. Fica em aberto a possibilidade de que isto se deva ao aspecto lexical dos verbos de estado e a seus traços semânticos.

Abaixo apresentamos novamente os resultados obtidos com TPE 1 e 2, com o objetivo de facilitar a comparação entre dados das tabelas 1 e 2.

TPE1–Dados obtidos junto aos informantes falantes nativos de português–Brasil2001

Tabela 1	Situações apresentadas como completas				Situações apresentadas como incompletas			
	1	2	3	4	5	6	7	8
Sujeitos 1	P	PPE	P	P	PPE	AP	PPE	PPE
2	P	P	P	P	APE	PPE	AP	PPE
3	P	P	P	P	APE	AP	P	PPE
4	P	P	PPE	P	PPE	APE	PPE	PPE
5	P	P	P	P	P	D	OF	PPE

6	P	P	P	P	APE	D	OF	PPE
7	P	P	P	P	P	AP	P	PPE
8	P	P	OF	P	PPE	AP	PPE	P
9	P	P	P	P	AP	AP	OF	PPE
10	P	P	P	P	PPE	AP	AP	P

TPE 2 – Dados obtidos junto aos informantes falantes nativos de inglês – EUA 2001

Tabela 2	Situações apresentadas como completas				Situações apresentadas como incompletas			
	Sujeitos	1	2	3	4	5	6	7
1	P	PPe	P	P	APE	PPE	APE	OF
2	P	P	P	P	PPE	P	P	PPE
3	P	P	P	P	PPE	PPE	PPE	PPE
4	P	P	P	P	PPE	P	PPE	PPE
5	P	PPE	P	P	PPE	PPE	PPE	PPE
6	P	P	P	P	P	P	APE	PPE
7	P	P	PPE	P	PPE	PPE	PPE	PPE
8	P	PPE	PPE	P	P	PPE	APE	PPE
9	P	P	P	P	P	PPE	APE	PPE
10	P	PPE	P	P	PPE	P	APE	PPE

3.4 Análise dos dados obtidos através do TI 1

A Tabela 3 apresenta os resultados obtidos através do TI 1 junto aos falantes nativos de português.

TABELA 3

TI 1 – Dados obtidos junto aos informantes falantes nativos de português – Brasil 2001

Sujeitos	Situações apresentadas como completas				Situações apresentadas como incompletas			
	1	2	3	4	5(AP)*	6(APE)*	7(AP)*	8(APE)*
1	P	P	P	P	P	AP	PPE	AP
2	P	P	P	P	AP	PPE	PPE	AP
3	P	P	AP	P	AP	AP	-	APE
4	P	P	PPE	P	PPE	AP	AP	PPE
5	P	P	P	P	P	PPE	APE	APE
6	P	P	AP	OF	OF	OF	AP	AP
7	P	P	P	P	AP	APE	PPE	APE
8	P	P	P	P	AP	APE	AP	APE
9	P	P	AP	P	P	PPE	AP	APE
10	-	P	AP	P	AP	APE	-	APE

* Os asteriscos assinalam que as formas entre parênteses são as que foram disponibilizadas para denotar menor comprometimento nestas questões.

Os TIs permitiam observar a validade das hipóteses (2) e (3) e da hipótese geral. Os sujeitos falantes nativos de português, em sua maioria, optaram pelos enunciados apresentados no aspecto simples, para interpretar as questões de números 1 a 4. Obtivemos 33 respostas marcando esta opção, o que corresponde a 82.5% das 40 respostas coletadas, denotando a interpretação das situações como completas e o desejo de se manifestar de modo a deixar claro o comprometimento total para com a proposição contida no enunciado.

As questões de 5 a 8 foram apresentadas como incompletas. A opção (a) para a questão 5 era um AP, condizente com a situação apresentada. Somente 5 sujeitos, dentre os 10 que responderam à questão, marcaram o AP. As escolhas feitas para a situação 6, que apresentava um APE como opção para denotar menor comprometimento, mostrou que os sujeitos se dividiam igualmente entre APes, PPes e APs, para tanto.

A situação 7 apresentava um AP como forma de denotar menor comprometimento. Quatro sujeitos optaram por ela. Obtivemos ainda 3 PPe e 1 APe. Estes dados sugerem que os falantes utilizam qualquer uma destas três formas disponibilizadas pela língua.

A questão 8, cuja opção para menor comprometimento era um APe também apresentou as três formas nos resultados obtidos. Obtivemos 3 APs, 6 APes e 1 PPe. Os 3 APs mostram que os verbos de estado são usados no progressivo, uma vez que os sujeitos fizeram questão de se pronunciar criando seus próprios enunciados neste aspecto.

O cômputo geral dos resultados revelou 15 APs, 8 PPe e 10 APes, além de 3 Ps, 2 Ofs e 2 respostas em branco, o que representa, respectivamente:

Aps = 37.5% das respostas;

APe = 25%;

PPe = 20%;

P = 7.5%;

OF = 5%;

Em branco = 5%

3.5 Análise dos dados obtidos através do TI 2

A Tabela 4 apresenta os dados obtidos através do TI 2 junto aos falantes nativos de inglês.

TABELA 4

TI 2 – Dados obtidos junto ao informantes falantes nativos de inglês – EUA 2001

Sujeitos	Situações apresentadas como completas				Situações apresentadas como incompletas			
	1	2	3	4	5 (PPe)	6 (PPe)	7 (APe)	8 (PPe)
1	P	P	P	P	P	PPE	PPE	APE
2	APE	P	P	P	P	PPE	APE	PPE
3								
4								
5								
6	APE	P	P	P	P	PPE	APE	PPE
7	P	P	P	P	P	PPE	PPE	PPE
8	OF	P	P	P	P	PPE	APE	PPE
9	P	P	P	P	P	PPE	PPE	PPE
10								

O instrumento foi enviado a 10 sujeitos, sendo que dois deles não responderam à nossa solicitação e outros 2 enviaram-nas incompletas, o que nos levou a desconsiderar seus testes. Assim sendo, dispomos dos dados de um número menor de sujeitos e, por conseguinte, de respostas. Aparentemente, este fato não veio a prejudicar os resultados da pesquisa.

Com relação às questões de 1 a 4, os sujeitos de TI 2, em sua maioria, optaram pelo enunciado apresentado no perfectivo, denotando sua interpretação das situações como completas e seu total comprometimento com a verdade de sua proposição.

Para as situações de números 5 a 8, as opções que denotavam menor comprometimento foram formuladas usando PPe para as situações 5,6 e 8 e um APe para a situação 7. Obtivemos os seguintes resultados, em percentuais:

Ppes = 58,33% dos enunciados

APes = 16,66%;

Ps = 25%

Não houve ocorrência de nenhum enunciado no aspecto progressivo, conforme previsto. Os dados obtidos sugerem que os sujeitos consideram os PPs perfeitamente adequados para expressar menor comprometimento, visto que até mesmo para a situação 7, que apresentava um APe (como opção de resposta denotando menor comprometimento), três sujeitos optaram por criar seu próprio enunciado, manifestando-se através de um PPe.

A questão 5, que obteve 6 Ps, pode não ter sido adequadamente redigida pela autora, não deixando tão claro quanto pretendido, que a situação estava em progresso, ainda em aberto.

3.6 Comparação entre TI 1 e TI 2

As opções selecionadas pelos sujeitos de TI 1 e TI 2, para as questões de 1 a 4 foram, em sua maioria, um P, evidenciando sua interpretação da situação como completa e sua opção por se manifestar de modo conclusivo a respeito da mesma.

Para o segundo bloco de situações, as números 5 a 8, as opções apresentadas em formas que denotavam comprometimento parcial foram as preferidas, sugerindo que os sujeitos interpretaram-nas como incompletas. As formas disponibilizadas como opção para interpretar a situação, foram aceitas pelos sujeitos, mostrando que PPs e APes são utilizados para denotar menor comprometimento, já que os sujeitos

de TI 1 criaram PPs para se pronunciar, quando estes não se encontravam entre as opções disponibilizadas.

A comparação entre os dados obtidos sugere que ambas as línguas utilizam PPs e APs para denotar menor comprometimento em situações apresentadas com verbos de estado e que em português, os falantes ainda dispõem de uma terceira forma, que é a do aspecto progressivo (AP).

Com a finalidade de facilitar a comparação dos dados obtidos através de TI 1 e TI 2, reproduzimos as tabelas 3 e 4 abaixo.

TI 1 – Dados obtidos junto ao informantes falantes nativos de português –Brasil 2001

Tabela 3	Situações apresentadas como completas				Situações apresentadas como incompletas			
	1	2	3	4	5(AP)*	6(APE)*	7(AP)*	8(APE)*
1	P	P	P	P	P	AP	PPE	AP
2	P	P	P	P	AP	PPE	PPE	AP
3	P	P	AP	P	AP	AP	-	APE
4	P	P	PPE	P	PPE	AP	AP	PPE
5	P	P	P	P	P	PPE	APE	APE

6	P	P	AP	OF	OF	OF	AP	AP
7	P	P	P	P	AP	APE	PPE	APE
8	P	P	P	P	AP	APE	AP	APE
9	P	P	AP	P	P	PPE	AP	APE
10	-	P	AP	P	AP	APE	-	APE

TI 2 – Dados obtidos junto ao informantes falantes nativos de inglês – EUA 200

Tabela 4	Situações apresentadas como completas				Situações apresentadas como incompletas			
	Sujeitos	1	2	3	4	5 (PPe)	6 (PPe)	7 (APe)
1	P	P	P	P	P	PPE	PPE	APE
2	APE	P	P	P	P	PPE	APE	PPE
3								
4								
5								
6	APE	P	P	P	P	PPE	APE	PPE
7	P	P	P	P	P	PPE	PPE	PPE
8	OF	P	P	P	P	PPE	APE	PPE
9	P	P	P	P	P	PPE	PPE	PPE
10								

CONCLUSÃO

A pesquisa efetuada permitiu observar que os falantes nativos de inglês e português utilizam mais de uma forma e mais de um aspecto para verbalizar menor comprometimento.

Nossa hipótese básica era a de que os falantes de português utilizavam o aspecto progressivo como uma forma aspectual com a função de modal epistêmico para denotar menor comprometimento, além de apresentar o ponto de vista do falante. Os resultados obtidos mostram que estes falantes efetivamente usam o aspecto progressivo para tanto, mas que a forma preferida para denotar menor

comprometimento é a de uma perífrase do perfectivo, especialmente com os verbos de estado que foram selecionados para esta pesquisa. Uma terceira forma ainda é utilizada: uma perífrase destes verbos de estado no aspecto progressivo.

A obrigatoriedade de utilização de verbos de estado para a formulação dos enunciados nos TPEs evidenciou que os falantes nativos de português, aparentemente, também fazem algumas restrições ao uso destes verbos para denotar que uma situação está em progresso, qual seja, ainda em aberto. O expressivo número de opções feitas pelo uso de PPes evidencia a existência desta restrição. Um estudo para investigar as razões por que isto ocorre talvez fosse necessário.

Embora os dados obtidos através de ambos os instrumentos de testagem tenham apontado para a possibilidade de verbalizar modalidade epistêmica através de pelo menos três formas, não vemos neste fato razão para invalidar nossa hipótese básica e a hipótese (2), uma vez que os verbos de estado foram usados no aspecto progressivo para modalizar os enunciados, expressando menor comprometimento. A hipótese (3) que prevê que os falantes de português interpretam um enunciado neste aspecto como expressão do desejo do falante de se comprometer em menor grau com a proposição encerrada em seu enunciado, assim como o fazem os falantes de inglês diante de uma perífrase, foi validada pelos TIs. Este instrumento de testagem apresentou as demais opções de modalização aos sujeitos porque foi construído a partir dos resultados obtidos nos TPEs porém, nas questões quem que havia um AP e/ou um Ape como opção, os sujeitos falantes de português optaram por estas formas. Isto demonstrou que as julgaram adequadas para denotar conhecimento parcial da situação, e conseqüentemente, menor comprometimento.

A constatação de que os PPes se constituem numa forma modalizadora bastante utilizada é um dado que gera outros questionamentos. Uma nova pesquisa poderia investigara o uso do aspecto progressivo com os outros tipos de verbos, que não os de estado, para verificar se a ocorrência dos PPes se mantém e se constitui numa forma que goza da preferência dos falantes de ambas as línguas. Na língua inglesa, um estudo que contemplasse a preferência entre uma forma perifrástica e um perfectivo, como em *"I'm falling in love with you"* e *"I'm in love"* viria a comprovar qual das duas formas é mais utilizada.

A pequena ocorrência de enunciados no perfectivo para fazer referência a situações que se encontram em aberto, incompletas, mostrou que as questões formuladas, de um modo geral, atingiam seu objetivo. Os sujeitos as interpretaram como abertas e, por isto, optaram por formas que denotassem que não conheciam toda a verdade e que, conseqüentemente, mitigassem seu comprometimento com a verdade da proposição contida em seus enunciados.

Consideramos que a hipótese(4) foi validada pela pesquisa, visto que efetuamos uma análise semântica dos elementos que compunham os enunciados e ficou evidenciado que, em português, os enunciados apresentados no aspecto progressivo são utilizados para denotar menor comprometimento e são assim interpretados.

Ao comparar os resultados obtidos pelos instrumentos de testagem em ambas as línguas, constata-se que há semelhança entre eles. As formas selecionadas para expressar menor comprometimento são as mesmas, com exceção do aspecto progressivo que não é usado pelos falantes de língua inglesa. Sua preferência recai sobre as formas de PPes. Porém, é interessante observar que mesmo os falantes de português dão preferência aos PPes. Este dado surpreende porque estes falantes não teriam razão para evitar o uso dos verbos de estado no progressivo, já que a sintaxe da língua o permite. No entanto, utilizaram um número expressivo de PPes.

Concluimos, a partir dos resultados obtidos, que os falantes de ambas as línguas dispõem de mais de uma forma para modalizar comprometimento. O aspecto progressivo se constitui numa forma gramaticalizada que denominaríamos de ‘pura’ por se valer estritamente dos elementos que entram na formação do progressivo, quais sejam, o verbo estar + gerúndio no português. As demais formas contam com o auxílio de outros componentes lingüísticos que contribuem para expressar o mesmo ponto de vista, tais como, verbos com significado menos enfático e advérbios. Também é possível concluir que o significado de menor comprometimento, veiculado por enunciados em qualquer uma das formas usadas, está, de certa forma, ligado à questão temporal veiculada através de situações apresentadas como incompletas.

Os resultados desta pesquisa geram outro questionamento: a preferência por outras forma que não a do aspecto progressivo com verbos de estado poderia estar

relacionada à ausência de volição. O fato de que os falantes percebem que ‘acreditar’, ‘saber’, ‘entender’, por exemplo, independem de um ato de volição, talvez se constitua no elemento que leva os falantes de ambas as línguas a dar preferência a outras formas que não a do progressivo, já que esta forma sugere que um ato de vontade impulsiona e mantém uma situação por vários intervalos sucessivos.

Parece-nos que estes novos questionamentos se constituem no real valor desta pesquisa. Como dissemos na introdução, mal vislumbramos a ponta de um “*iceberg*”. As conclusões a que chegamos indicam que há muito por fazer e que os estudos contrastivos são de grande valia para questões como a que investigamos nesta pesquisa, visto que foi uma associação feita com o inglês que provocou nosso questionamento.

BIBLIOGRAFIA

BAUER, Gero. **The english ‘perfect’ reconsidered.** Journal of Linguistics 6. 1970:189 - 198.

BARDOVI-HARLIG, Kathleen. **Narrative structure and lexical aspect. Conspiring factors in second language acquisition of tense-aspect morphology.** SSLA, 20. Cambridge: Cambridge University Press, 1998: 471-505.

BENNET, Michael and Barbara Partee. **Toward the logic of tense and aspect in English.** Santa Monica: Systems Development Corporation, 1972.

BERTINETTO, Pier Marco. **Statives, progressives, and habituals: analogies and differences.** *Linguistics* 32, 1994: 391-423.

BINNICK, Robert I. **Time and the verb.** New York: Oxford University Press, 1991.

BYBEE, Joan L., FLEISCHMAN, Suzanne. **Modality in grammar and discourse.** Ed. by Joan L. Bybee and Suzanne Felischman. New York: John Benjamin, 1995.

CÂMARA JR., Joaquim M. **Estrutura da Língua Portuguesa. A significação geral das noções gramaticais do verbo.** Rio de Janeiro: Vozes, 1975: 87-93.

CELCE-MURCIA, M. e LARSEN-FREEMAN, D. **The grammar book. Second edition.** Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1999.

COMRIE, Bernard. **Aspect – an introduction to the study of verbal aspect and related Problems.** Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DEPRAETERE, Ilse. **On the necessity of distinguishing between (un)boundedness and (a)telicity.** *Linguistics and Philosophy* 18: 1-19, 1995.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de lingüística.** São Paulo: Cultrix, 1998.

DOWTY, David R. **Word meaning and Montague grammar. The semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's.** PTQ.

Dordrecht: Reidel, 1979

ENCYCLOPEDIA Dictionary of Applied Linguistics. Edited by Keith Johnson and Helen Johnson. Oxford. Blackwell Publishers. 1999.

FOLEY, William A., VAN VALIN JR., Robert. **Functional syntax and universal grammar**. Cambridge. Cambridge University Press. 1984.

FUCHS, Anna. **Aspecto verbal e dêixis**. Cad. Est. Ling., Campinas, (15):87-109. 1988.

GALEGO, Marta S. de. **Um exemplo de modelo intensional**. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Número 112. 1987: 25-41.

GOLDSMITH, John & WOISETSCHLAEGER, Erich. **The logic of the progressive aspect**. Indiana: Indiana University Linguistics Club, 1976.

GRICE, H. P. **Logic and conversation. Speech acts**. Editado por Peter Cole & Jerry Morgan, New York. Academic Press, 1975: 41-58.

GRUNDY, Peter. **Doing pragmatics**. London. Edward Arnold, a division of Hodder Headline PLC. 1995.

HATAV, Galia. **The aspect system in english: an attempt at a unified analysis**. Linguistics 31. 1993: 209-237.

HERWEG, Michael. **Perfective and imperfective aspect and the theory of events and states**. Linguistics 20. 1991:969-1010.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Educ, 1997.

ILARI, Rodolfo, MANTOANELLI, Ivonne. **As formas progressivas do português.**
Cadernos de Estudos Lingüísticos. Número 5. 1983: 27-60.

JOOS, Martin. **The english verb. Form & meanings.** Second edition. Madison,
Wisconsin: The University of Wisconsin Press Ltd., 1968.

KING, Harold V. **Punctual versus durative as covert categories.** Language
Learning. Volume XIX. Numbers 3 and 4. 1969: 183-190.

KRAMSCH, Claire. **Language and culture.** Series Editor H.G. Widdowson Oxford
introductions to language study. Oxford: Oxford University Press. 1998.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things.** Chicago: The University
of Chicago Press, 1987, Capítulo 18: 305-352.

LANGACKER, Ronald W. **Remarks on english aspect.** In Paul J. Hopper (ed.)
Tense - Aspect: Between Semantics & Pragmatics. Amsterdam and
Philadelphia: John Benjamins. 1982: 265-304.

LEECH, Geoffrey. **Principles of pragmatics.** England: Longman Group Limited,
1983.

LEIRIA, Isabel. **Aquisição do aspecto verbal por falantes não-nativos de
português Europeu: o exemplo dos pretéritos perfeito e imperfeito.**
Dissertação de mestrado- versão abreviada. Revista Interamericana de Língua
Portuguesa. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. N.º11.1994.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LEWIS, Michael. **The english verb. An exploration of structure and meaning.**

Hove: LTP, 1986.

LYONS, John. **Semântica** Vol.1. Editorial Presença / Martins Fontes. Edição Brasileira, 1980.

LYONS, John. **Linguagem e lingüística – uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MOURELATOS, Alexander P. D. **Events, processes and states. Syntax and semantics**. Volume 14. Tense and aspect . Academic Press Inc.,1981:191-212.

PALMER, F.R. **Modality and the english modals**. London and New York. Longman. 1979.

PALMER, F.R. **The english verb**. London. Longman Group Limited. 1974.

PORTNER, Paul. **The progressive in modal semantics**. Language. Volume 74. Number 4. 1998: 760-787.

RAMOS, Francisco Y. **A decade of relevance theory**. Journal of Pragmatics 30. 1998: 306-325.

ROBISON, Richard E. **The aspect hypothesis revisited: a cross-sectional study of tense and aspect marking in language**. Applied Linguistics, Vol.16, No 3. Oxford University Press, 1995: 344-370.

SCOVEL, Tom. **A look-see at some verbs of perception**. Language Learning. Volume 21 - Number 1. 1971: 75-84.

SIMPSON, Paul. **Language, ideology and point of view**. London: Routledge, 1993.

SMITH, Carlota. **A theory of aspectual choice**. Language. Vol.59, n.3. Setembro, 1983: 479- 501.

SMITH, Carlota S. **The parameter of aspect. (Second edition)** Dordrecht. Kuwer Academic Publishers, 1997.

THOMAS, Jenny. **Meaning in interaction: an introduction to pragmatics.** London and New York: Longman, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português. A categoria e sua expressão.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in philosophy.** Ithaca: Cornell University Press, 1967.

YULE, George. **Pragmatics.** Oxford introductions to language study. Series Editor H.G. Widdowson. Oxford: Oxford University Press, 1996, p.4.

ZEGARAC, Vladimir. **Some observations on the pragmatics of the progressive.** Lingua 90. North Holland. 1990: 201-220.

PROTOCOLO

Dez falantes nativos de inglês foram perguntados se diriam os enunciados abaixo. Deveriam responder simplesmente *Sim* ou *Não*.

1 - *I'm loving my girlfriend/ boyfriend. I want to marry her/ him.*

2 - *I'm not believing one word of what he's saying.*

3 - *I'm not understanding the teacher's explanation.*

4 - *I'm not knowing how to deal with this situation.*

**RESULTADOS OBTIDOS COM A APLICAÇÃO DO PROTOCOLO JUNTO
A FALANTES NATIVOS DE INGLÊS**

Os enunciados constantes neste protocolo foram proferidos para 10 falantes nativos de inglês, na área de Chicago, com auxílio de familiar. Transcrevemos a mensagem recebida, por correio eletrônico, com o resultado. As correções dos informantes confirmam que os verbos de estado não são normalmente utilizados no aspecto progressivo em inglês.

“Apliquei o questionário que me enviaste para dez (10) Americanos adultos. Quanto à frase número 1:

Todos os 10 participantes responderam :

“That’s incorrect!”

The majority said:

“I love my girlfriend/boyfriend. I want to marry him/her”.

One participant said:

“I am in love with my girlfriend; therefore I want to marry her”.

Quanto à frase número 2:

A maioria respondeu novamente:

“That’s incorrect!”

The majority said: *“I don’t believe one word you’re saying”* or *“I don’t believe one word THAT you’re saying”*.

Dois participantes disseram:

“I don’t believe what you said”.

Quanto à frase número 3:

A este ponto, a maioria dos participantes estavam confusos. *“That’s, again, incorrect!”* foi a resposta de todos, seguindo com o seguinte comentário: *“Why are they all incorrect so far?”*

A maioria respondeu:

“I don’t or do not understand the teacher’s explanation”.

Um participante disse que diria:

“I don’t understand what the teacher said.”

Quanto à frase número 4:

Todos os participantes disseram que novamente a frase era incorreta e que a frase correta é:

“I don’t or do not know how to deal with this situation”.

Os participantes também não entenderam porque alguém diria algo assim, sendo que era inglês incorreto.

Quando eu perguntei por que eles diriam as frases de forma diferente, a resposta foi geral: Porque da maneira como elas foram lidas para eles representava uma forma de:

- inglês incorreto *‘Bad English’* e

- as frases não faziam nenhum sentido: *“These sentences don’t make any sense!”*

Espero que esta pesquisa lhe ajude. Todos os adultos entrevistados são formados em boas faculdades e 7 deles possuem Mestrado. Desculpe pela falta de acentos nas palavras, meu computador não traduz para o português.

Good luck!”

TPE 1

Instrumento: TPE 1 – Instrumento para coleta de enunciados dos informantes de língua portuguesa.

TESTE DE PRODUÇÃO ESCRITA

Nome : Escolaridade:Idade:

Você vai ler a respeito de oito situações hipotéticas diferentes, ocorridas com pessoas imaginárias. Ao final de cada situação, você deverá se manifestar, escrevendo o que você acredita que o personagem participante do evento comunicativo diria na situação apresentada. O verbo a ser empregado por você, para completar a questão, está indicado acima do texto. Use este verbo para dizer o que você acredita que a pessoa diria.

1ª Situação – verbo a ser usado : acreditar

J.B. assistiu a uma palestra sobre a possibilidade de cura pela força da mente e ficou convencido de que isto é possível. Ao comentar a palestra com um amigo, deseja dizer a ele que não tem dúvidas de que a cura pela mente é possível. Ele diz:

Eu

2ª Situação – verbo a ser usado : entender

ªR. tem um professor que explica muito bem a matéria, embora difícil. Ao falar sobre as aulas do professor, ªR. quer expressar que assimila o que ouve em aula e diz para um amigo:

Eu

3ª Situação – verbo a ser usado: amar

J.B. acredita que encontrou sua alma gêmea. Ele quer que esta pessoa saiba que está totalmente comprometido e que leva o relacionamento a sério. Ele diz a ela:

Eu

4ª Situação – verbo a ser usado: saber

Pedro trabalha com computadores e sabe como lidar com programas, configurações e tudo o mais. Uma amiga sua, precisando de ajuda, pergunta se ele sabe como inserir tabelas. Como Pedro tem segurança a respeito do que fazer para inserir uma tabela, ele diz a sua amiga:

Eu

5ª Situação – verbo a ser usado: acreditar

Um ladrão se faz passar por carteiro para fazer um assalto. Pelo interfone, diz para a dona de casa que tem uma carta registrada para entregar e que é preciso que ela assine o comprovante de entrega, e por isso, pede que ela abra a porta do prédio. Por precaução, ela faz a ele algumas perguntas, mas o ladrão é convincente e ela está

a ponto de abrir a porta quando o zelador chega, entende o que está ocorrendo e põe o ladrão a correr. Mais tarde, conversando com o zelador, ela admite que estava a ponto de acreditar que se tratava de um carteiro de verdade, mas porque não estava plenamente convencida, hesitara em abrir a porta.

Ela diz:

6ª Situação - verbo a ser usado: entender

Paulo está em Paris e pede informações a um transeunte sobre como chegar a um determinado museu. No meio da explicação, o francês quer saber se Paulo está entendendo o que diz. Paulo está tendo dificuldades, mas está conseguindo acompanhar o que o francês diz. Ele quer que o seu interlocutor saiba que está acompanhando a explicação.

Ele diz:

7ª Situação - verbo a ser usado : amar

Pedro conheceu Janice há poucos meses, mas ela é uma pessoa maravilhosa. Ele percebe que, aos poucos, seu envolvimento está ficando mais sério. Já se sentira assim antes, por uma outra moça e depois descobrira que o que sentia não era amor e sim uma forte atração física. Por isso, é cauteloso quando fala sobre o que sente por Janice, e embora ache que seja amor o que sente, evita afirmar isso categoricamente.

Ele diz:

8ª Situação – verbo a ser usado: saber

Correm boatos na cidade a respeito de um escândalo financeiro. Pedro trabalha na companhia onde foi dado o desfalque, conhece um dos envolvidos e ouviu alguém comentar que esta pessoa pretendia se apresentar na polícia e que iria fazer um depoimento. Pedro é uma pessoa muito justa e nunca diz mais do que sabe, tem muito cuidado para não afirmar coisas sobre as quais não tem certeza. Por isso, quando perguntado sobre o assunto, ele diz:

Eu

TPE 2

Instrumento : TPE 2 – Versão em inglês

PRODUCTION TEST

Name: Education:..... Age:.....

You are going to read eight different hypothetical situations that happened to imaginary characters. At the end of each one of them you should write what you believe the participant in the event would say in the situation presented. The verb to be used to complete the question is indicated above the text. Use it to say what you believe the character would say.

1st Situation - verb to be used: believe

J.B. has attended a lecture about the possibility of healing by mental power and became convinced that this is possible. While making comments on the lecture

to a friend, he wants to tell him that he has no doubts that it is possible to be cured by the use of one's mental power. He says:

I.....

2nd Situation – verb to be used: understand

^aR. has a teacher who teaches his subject very well, even though it's a difficult one. Talking about the classes of this teacher, ^aR. wants to tell a friend that he assimilates what he hears in class. He says:

I.....

3rd Situation – verb to be used : love

J.B. believes that he has found his twin soul. He wants this person to know that he is fully committed to the relationship and that he is serious about it. He says :

I

4th Situation – verb to be used : know

Peter works with computers and knows how to deal with programs, configurations, and all the rest. One of his friends, in need of help, asks him if he knows how to insert charts. As Peter has no doubts about it, he says to his friend:

I

5th Situation – verb to be used: believe

A thief pretends to be the mailman to commit a robbery. Through the intercom he tells a housewife that he has a piece of registered mail to deliver and that it is necessary for her to sign the return receipt. He asks her to open the door of the building. Out of precaution, she asks him a few questions. But the thief is convincing and she is about to open the door when the building caretaker arrives, realizes what is going on, threatens the thief and the thief escapes. Later on, talking

with the caretaker, she admits she believed part of what the man said but, because she wasn't fully convinced, she hesitated. She expresses this by saying:

I

6th Situation – verb to be used: understand

Paul is in Paris and asks a passer-by how to get to a certain museum. Right in the middle of his explanation the Frenchman wants to know whether Paul is following it. Paul is having some difficulty understanding everything but he can

follow most of what the Frenchman says. He wants his interlocutor to know that he is following the explanation of the route to take. He says:

I

7th Situation – verb to be used: love

Peter met Janice not long ago but he knows that she is a wonderful girl. He realizes little by little that he is getting more and more involved. He had already felt this way in regard to another girl only to find out later that his feelings were not love but a strong physical attraction. Because of this previous experience he is careful when he talks about what he feels for Janice and even though he thinks that this may be love, he avoids stating it in an assertive way. So he says:

I

8th Situation - verb to be used: know

There is gossip around town about a financial scandal. Peter works in the company where the embezzlement took place, knows one of the guys who is involved and has heard somebody saying that this person intends to go to the police and make a confession. Peter is a fair man. He never says more than what he knows,

and is very cautious not to state anything he is not sure about. Because this is his usual behavior, when an acquaintance asks him about the issue, he says:

I

TI 1

Instrumento : TI 1 – Instrumento para coleta das opções feitas pelos informantes de língua portuguesa.

TESTE DE INTERPRETAÇÃO

Nome: Grau de instrução: Idade:

Leia as situações apresentadas abaixo e sublinhe a opção que, na sua opinião, melhor revela a interpretação do personagem em relação ao que a situação apresenta. Caso sua opção seja “c”, escreva na linha pontilhada o que acha que o personagem diria.

1 – Paulo e Maria estão namorando há bastante tempo. Paulo tem certeza de que quer casar com Maria. Ele é um rapaz sincero, de bons princípios e quer que ela saiba que ele está realmente comprometido com ela. Paulo se declara da seguinte maneira:

^a “Maria, eu te amo”.

b. “Maria, estou te amando”.

c. Nenhuma das anteriores.

2 – Pedro teve um acidente de carro e conta para João e Paulo como tudo aconteceu, dizendo que não teve culpa pelo acidente e que está se sentindo muito mal por que a polícia o está tratando como se fosse um delinqüente. Depois que Pedro sai da sala, João, que o conhece por muitos anos e tem certeza de que o amigo jamais mentiria a respeito de um assunto tão sério e não duvida nem por um segundo daquilo que Pedro contou, diz para Paulo:

a “Eu acredito na versão do Pedro sobre o acidente”.

b. “Estou acreditando na versão dele”.

c. Nenhuma das anteriores.

3 – Carolina estudou espanhol por muitos anos. Ela alugou um filme espanhol em vídeo, sem legendas, para testar seus conhecimentos e se deu conta de que podia entender tudo. No dia seguinte, comenta isto com uma amiga, com a intenção de deixar claro que acompanhou os diálogos completamente. Ela diz:

a “Eu entendi o que os atores diziam”.

b. “Eu estava entendendo o que eles diziam”.

c. Nenhuma das anteriores.

4 – Janete mora em Nova Iorque há muitos anos. Alguns amigos franceses irão para os Estados Unidos, pela primeira vez, para passar alguns dias em Nova Iorque. Janete vai mostrar a cidade a eles. Por telefone, planejando os lugares que irão visitar, Janete, segura de si, diz a eles:

a “Eu conheço a cidade.”

b. “Estou conhecendo a cidade”.

c. Nenhuma das anteriores.

5 - Susana recebeu um telefonema de uma pessoa que disse que ela havia sido escolhida para tomar parte num concurso patrocinado pela rádio de sua cidade. Tudo o que precisava fazer era responder a duas perguntas bem simples para ganhar um prêmio de duzentos reais. Ela concordou em tomar parte no concurso, respondeu as perguntas, e lhe disseram que iria receber um cheque dentro de três dias. Seis dias mais tarde, o dinheiro ainda não tinha chegado. Uma amiga pergunta a ela sobre o

assunto e Susana, que acha que vai receber o cheque, porque o pessoal da rádio lhe pareceu gente séria, diz:

^a “Eu estou acreditando que esse concurso é legal”.

b. “Eu acreditei que o concurso era legal”.

c. Nenhuma das anteriores.

6 – João está conversando com seu pai, que recém colocou uma dentadura nova, e agora, nos primeiros dias, está falando com dificuldade. João não quer dizer para o pai que está bem difícil para entender o que ele diz para não magoá-lo, mas ao mesmo tempo, como está sempre pedindo a ele para repetir o que acabou de dizer, fica evidente que não entende tudo o que o pai fala. Quando seu pai pergunta : “João, tu consegues me entender, quando eu falo?”, João, para ser honesto com o pai, responde:

^a “Estou entendendo quase tudo, pai”.

b. “Entendo, pai.”

c. Nenhuma das anteriores.

7 – Maria está namorando um rapaz. Quanto mais ela o conhece, mais gosta dele e está bastante envolvida, mas ainda não tem certeza de que se trate de amor. Uma noite, conversando com sua mãe, esta pergunta o que ela sente pelo rapaz. Maria tem que ser honesta consigo mesma; sabe que gosta bastante dele, mas também sabe que ainda não se trata de um sentimento total e como não esconde nada da mãe, se expressa da seguinte maneira:

^a “Estou amando o Pedro, mamãe”.

b. “Amo Pedro, mamãe”.

c. Nenhuma das anteriores.

8 – João está estudando para um exame difícil que vai prestar dentro de duas semanas. A matéria para estudo é extensa e ele sabe que já aprendeu uns 80% do que precisa saber, mas ainda restam alguns tópicos a serem dominados. Ele encontra um colega de aula que pergunta: “Oi, João, como vão as coisas? Pronto para o exame?” João, que não tem por que mentir para o colega a respeito de suas reais condições, diz:

a “Estou sabendo a maior parte do conteúdo”.

b. “Sei o conteúdo”.

c. Nenhuma das anteriores.

TI 2

Instrumento: TI 2 – Versão em inglês.

INTERPRETATION TEST

Name: Education: Age:.....

Read the situations presented below and underline the answer that, according to your interpretation, reveals the positioning of the character. If you find neither “a” nor “b” satisfactory, please write on the dotted line beside choice “c” what you think the character would say.

1- Paul and Mary have been dating for a long time. They know each other quite well and Paul is sure he wants to spend his life beside her her. He is really committed to their relationship and his feelings towards her are serious. He says:

a “Mary, I love you.”

b. “Mary, I’m falling in love with you.”

c. None of the above.

2- Peter had a car accident and told Tom and Paul about it. He told them the accident was not his fault. He is feeling awfully bad because the police has been treating him as if he were a delinquent. Tom has known Peter for many years, and has no doubt whatsoever about Peter's story. He says to Paul:

- a "I believe Peter's version of the accident."
- b. "I kind of believe his version."
- c. None of the above.

3 – Carol studied Spanish for many years. She rented a Spanish movie video without subtitles to check her understanding of the language. Next morning she tells a friend about her experience, making it clear that she had followed all the dialogues. She says:

- a "I understood what the actors said."
- b. "I understood enough of what the actors said."
- c. None of the above.

4 – Janet has been living in New York for many years. Friends from France are coming to the States for the first time and plan to spend a few days in New York. Janet is going to take them around. They are on the phone, planning the visit. Janet, who is sure she can chaperone them, says:

- a "I know the city,"
- b. "I kind of know the city,"
- c. None of the above.

5- Sue received a phone call from a person who said she had been chosen to take part in a contest held by the local radio. All she needed to do was answer two simple questions to win 200 dollars. She agreed, answered the questions, and was told she would receive a check three days from that date. Six days later the money hadn't been sent yet. A friend asks her about it and Sue, who really expects to receive the payment because the people from the radio sounded serious, answers:

- a "I kind of believe this contest is for good...."
- b. "I believed this was a nice contest"
- c. None of the above.

6 – John is talking to his father who is adapting to his false teeth and speaks with difficulty. He doesn't want to tell his father it is quite difficult to understand what he says not to hurt his feelings. On the other hand, as he keeps asking the old man to repeat what he has just said, it is evident he can't fully understand him . So when the old man asks: "Can you understand me when I speak, John?" , he says:

- a "I understand much of what you say, Dad".
- b. "I understand you, Dad".
- c. None of the above.

7- Mary is dating a young man. The better she knows him, the more she likes him, and she's getting pretty much involved but she isn't sure that this is really love. One evening, her mother asks how she feels about him. Mary has to be honest to herself; she knows she likes him a lot but she also knows that it is not a total, complete, feeling, and she has no reason at all not to disclose this to her mom so she says:

- a "I think I'm falling in love with him."
- b. "I love him."
- c. None of the above.

8 - John is studying for a difficult test he's going to take in a few weeks. The subject is extensive and he is sure he has learned most of the topics he needs to know but there are still a few things to be mastered. He meets a classmate who asks him: " Hi, John, how is it going? Ready for the big test?" . John has no reason at all to lie to his colleague about his real achievements, so he says:

- a " I know most of the topics....."

b. “ I know the subject”.

c. None of the above.

ANEXO 3

DADOS DE TPE 1

Dados de TPE 1, obtidos junto aos informantes falantes nativos de português.

Sujeito 1 –

- 1- Eu acredito na cura pela força da mente.
- 2- Eu entendo o que o professor explica, mas necessito estudar mais.
- 3- Eu amo você muito!
- 4- Eu posso ajudá-la pois sei trabalhar com tabelas.
- 5- Eu estava quase convencida que a pessoa era o carteiro; acreditei que ninguém poderia mentir tanto e tão bem.
- 6- Pode continuar a explicação, vagarosamente, que eu estou entendendo.
- 7- Amo você! Apesar disso, acho que devemos nos conhecer melhor.
- 8- Eu posso falar sobre o meu trabalho. Cada um sabe de suas atividades.

Sujeito 2 –

- 1 – Eu acredito que a cura pela força da mente é possível.
- 2- Eu entendo bem a matéria, embora seja difícil.
- 3- Eu amo você.
- 4- Eu sei como inserir tabelas, logo, eu posso lhe ajudar.
- 5- Eu estava começando a acreditar nele depois que ele respondeu as minhas perguntas de forma tão convincente.
- 6- Eu consigo entender as suas explicações, mesmo que com um pouco de dificuldade.
- 7- Eu estou amando conhecer você melhor, pois você é uma pessoa maravilhosa.
- 8- Eu sei que houve um desfalque, mas não tive acesso a nenhum fato, somente boatos, sobre os quais eu não gostaria de comentar por não ter certeza.

Sujeito 3 –

- 1- Eu acredito que possamos curar doenças pela força da mente.
- 2- Eu entendo o que o professor explica.
- 3- Eu te amo.
- 4- Eu sei o que fazer.

- 5- Eu estava quase acreditando.
- 6- Estou entendendo.
- 7- Eu amo você.
- 8- Eu não saberia informar com certeza.

Sujeito 4 –

- 1- Eu acredito que a cura pela mente é possível, uma vez que na palestra que assisti foram apresentados casos onde isto foi comprovado.
- 2- Eu tenho um ótimo professor, pois apesar da matéria ser extremamente difícil, eu consigo entender muito bem a mensagem que ele quer passar.
- 3- Eu amo você e agora que te encontrei, farei tudo para não te perder.
- 4- Eu sei como resolver seu problema, não se preocupe.
- 5- Ele foi muito convincente, quase acreditei em sua história, porém alguma coisa me dizia, que havia algo errado.
- 6- Pode prosseguir, eu estou conseguindo entendê-lo.
- 7- A última coisa no mundo que eu quero é te magoar, por isso preciso ter certeza absoluta para dizer que te amo.
- 8- Eu não sei nada mais do que boatos, por isso não posso me manifestar sobre o assunto.

Sujeito 5 –

- 1- Eu acredito que a cura pela mente é possível.
- 2- Eu entendo o que o professor explica.
- 3- Eu amo você.
- 4- Eu sei como inserir tabelas.

- 5- Eu acreditei no que ele me disse.
- 6- Para Paulo repetir o que ouviu para sentir se o mesmo entendeu a explicação.
- 7- Poderia amá-la com o tempo.
- 8- Eu não tenho certeza portanto prefiro dizer que não sei de nada.

Sujeito 6-

- 1- Eu acredito que a cura através da mente é possível sim.
- 2- Eu entendo as dificuldades de expressão.
- 3- Eu quero amar assim para sempre.
- 4- Eu sei fazer, é muito importante, transmitir também.
- 5- Eu já estava acreditando, ainda bem que não se concretizou o pior.
- 6- Você entende tudo o que eu falo.
- 7- Amar sempre deve ser com uma certa segurança.
- 8- Eu não quero saber de comentário a respeito disto.

Sujeito 7-

- 1- Eu realmente acredito que a cura pela força da mente é possível.
- 2- Eu entendo as explicações do professor, embora difícil.
- 3- Eu te amo muito.
- 4- Eu entendo bastante de computadores, eu sei inserir tabelas facilmente.

5- Eu desconfiei no princípio, mas ele foi tão convincente que eu acabei acreditando nele.

6- Pode prosseguir, estou entendendo a explicação.

7- Eu amo estar com você e sentir tudo que acontece quando estamos juntos.

8- Eu sei de alguns fatos, mas sei por outras pessoas, prefiro não comentar por enquanto.

Sujeito 8 –

1- Eu acredito que as pessoas utilizam nem a terça parte de sua inteligência.

2- Eu entendo muito bem o que ele ensina porém acho que ele deveria revisar a sua didática.

3- Eu a amarei pelo resto de minha vida mas precisamos nos conhecer melhor.

4- Eu sei exatamente o que você precisa mas isto leva um tempo para aprender.

5- Eu até acreditei que ele era um carteiro, mas quando eu disse que iria descer para receber a carta e ele disse que não precisava, então eu desconfiei.

6- Não se preocupe eu estou entendendo um pouquinho de francês.

7- Eu acho que lhe amo mas tenho receio de vivermos juntos.

8- Eu sei do que está acontecendo porém prefiro não tomar partido.

Sujeito 9-

1- Eu não tenho dúvidas, acredito que a cura pela mente é possível.

2- Eu entendo muito bem o que explica em aula o professor A.R.

3- Eu a amo, estou totalmente comprometido e levo o nosso relacionamento a sério.

4- Eu sei inserir tabelas e posso lhe ajudar.

- 5- Eu estava acreditando que se tratava de um carteiro de verdade.
- 6- Estou com dificuldades, mas estou entendendo sua explicação.
- 7- Você é maravilhosa, me sinto atraído por você.
- 8- Eu não sei nada mais além dos boatos que todos ouviram.

Sujeito 10-

- 1- Eu acredito na possibilidade de cura pela força da mente.
- 2- Eu entendo bem a matéria que este professor explica.
- 3- Eu te amo.
- 4- Eu sei como inserir uma tabela, por isso posso ajudá-la.
- 5- Quase acreditei que o ladrão era carteiro, ainda bem que o sr. chegou.
- 6- Sr., continue, estou entendendo as suas informações de como chegar ao museu.
- 7- Estou aprendendo a te amar.
- 8- Eu não sei nada sobre este assunto.

DADOS DE TPE 2

Dados de TPE 2 obtidos junto aos informantes falantes nativos de inglês.

Sujeito 1-

1- *I believe mind over matter applies to our mental powers to heal our physical health.*

2- *I don't always understand the material the way Mr Teach explains it but I remember what he says and put it in context with other information in my life and then it makes perfect sense.*

3- *I have never been so happy! From the moment you came into my life you have rocked my world! I love you!*

4- *I know how to insert charts and I would be glad to help you with the other parts of the project as well.*

5- *I believe I was being naïve and must be more careful. Thanks for speaking up and saving me from what could have been an ugly scene. I was only partly convinced yet foolish enough to consider opening my door.*

6- *I understand much of what you say. Then he points toward the way of the directions indicated.*

7- *I believe my heart is telling me I love you but my head tells me to wait until we have known each other longer.*

8- *I would prefer not to talk about it because all the facts have not been sorted out. I know you didn't mean any harm in asking about it but our company would rather us not discuss it.*

Sujeito 2-

1- *I truly believe in the healing power of the mind.*

2- *I understand the subject matter well as the teacher has a nice way of connecting with his students.*

3- *I am in love with you and want to share our lives together.*

- 4- *I know computers like the back of my hand, so please don't worry.*
- 5- *I am sad to admit that for a while I believed the thief's story.*
- 6- *I am grateful for your time and now clearly understand the directions to the museum.*
- 7- *I love and cherish all of the time we spend together and look forward to building upon our relationship.*
- 8- *I am not sure I know all of the facts and would prefer not to comment about this.*

Sujeito 3 –

- 1- *I believe that one's mental powers can cure illness.*
- 2- *I understand the meaning and importance of what the teacher teaches.*
- 3- *I love you because I believe you are my soul mate.*
- 4- *I know very well how to insert charts.*
- 5- *I partially believed he was the mailman but wasn't entirely convinced.*
- 6- *I understand most of the directions you are giving me.*
- 7- *I feel a real closeness to you and love you as a friend.*
- 8- *I know that there has been an embezzlement in my company and know one of the people allegedly involved but do not know anymore than that at this time.*

Sujeito 4-

- 1- *I believe this can be done.*
- 2- *I understand what I am hearing.*
- 3- *I love you more than anybody else that I have met.*
- 4- *I know how to do that.*

5- *I almost believed him.*

6- *I understand what you are saying.*

7- *I think I love you.*

8- *I don't know all the facts so I don't want do comment.*

Sujeito 5-

1- *I completely believe that it is possible to heal by using mental powers.*

2- *I tell you my friend, even though this class is very hard, I am able to understand the subject matter because the teacher is so good at explaining things in a way that makes sense to me.*

3- *I love you.*

4- *I know how to insert charts very well and would be happy to help you.*

5- *I believed some of the things that he was saying but overall, I knew not to believe him. I am glad you showed up when you did so I did not let him in.*

6- *I understand most of what you are saying.*

7- *I don't want to speak too soon, but I think that I may be falling in love with you.*

8- *I don't know enough about the details to comment and want to be fair to everyone involved.*

Sujeito 6-

1- *I believe with all my heart that healing by mental power is possible.*

2- *I completely understand the material.*

3- *I will always love you.*

4- *I absolutely know how to insert charts.*

5- *I did not believe his answers to my questions.*

6- *I understand what you are telling me.*

7- *I love being with you, I am just not sure yet that I love you.*

8- *I know one of the guys involved, but I do not have real facts about the situation.*

Sujeito 7-

1- *I believe it is possible to be cured through the use of one's mental power.*

2- *I understand everything this teacher presents in class.*

3- *I am in love with you. I want you to know that I am fully committed to this relationship. In fact, I would like to ask you to marry me.*

4- *I know I can successfully insert the charts that you need in your document.*

5- *I wanted to believe him but something made me hesitate and ask questions. I am glad you came along when you did.*

6- *I understand enough of what you are saying to follow your explanation. I appreciate your help, please continue.*

7- *I think I may be in love with you.*

8- *I do not know anything factual about this situation.*

Sujeito 8-

1- *I believe it is possible to be cured by the use of one's own mental power.*

2- *I usually understand what is taught in class because the teacher teaches so well.*

3- *I truly love you.*

4- *I know how to do that.*

5- *I believe the man outside the door was pretty convincing, so I am glad you came along when you did.*

6- *I understand most of the directions you are giving me.*

7- *I think I am beginning to fall in love with you.*

8- *I don't know much about that.*

Sujeito 9 –

1- *I believe you can heal yourself if you put your mind to it. I believe you can heal an illness through mental powers.*

2- *I understand the material after I hear the lecture.*

3- *I love you.*

4- *I know how to help you with that.*

5- *I believe he was trying to use me to gain entry into the building. I believe he was looking for someone to just buzz him in so he could break into someone's apartment.*

6- *I understand the directions you gave me to this point. I understand enough of the directions you gave me to get to the museum.*

7- *I think my feelings for you are getting much stronger. Love is definitely a strong word, but I think that is what I feel.*

8- *I know about the situation, but none of the details.*

Sujeito 10 –

1- *I believe it can totally work.*

2- *I understand physics so much better now.*

3- *I love you so much and I will love you forever.*

4- *I know that stuff really well and can help you.*

5- *I kind of believed him, but I wasn't sure about it.*

6- *I understand.*

7- *I am falling in love with you.*

8- *I know the guy in question, but I don't know what's going to happen.*

DADOS DE TI 1

Dados de TI 1, teste de interpretação, obtidos através dos informantes falantes nativos de português.

Sujeito 1 –

1- c-) Como eu gosto muito de você, eu te amo, gostaria de casar com você.

2- a

3- c) Eu compreendi a história.

4- c) Eu conheço muitos lugares interessantes para visitar.

5- b

6- a

7- c) Ainda não tenho certeza dos meus sentimentos. Preciso de mais tempo.

8- c) Estou estudando bastante.

Sujeito 2-

1- a

2- a

3- a

4- a

5- a

6-c) Não, eu tenho dificuldade para entender você.

7- c) Gosto muito de Pedro, mamãe.

8- a

Sujeito 3-

1- a

2- a

3- b

4- a

5- a

6- a

7- c (em branco)

8- a

Sujeito 4-

1- a

2- c) Sei que Pedro não mentiria, acredito nele.

3- c) Eu consegui entender o filme sem auxílio das legendas.

4- c) Eu conheço os principais lugares da cidade.

5- c) Acho que o concurso é sério, aguarde mais um pouco.

6- c) Estou tendo dificuldades em te entender.

7- a

8- c) Sei quase tudo, falta apenas alguns tópicos.

Sujeito 5-

1- c) Maria, eu te amo e quero casar com você.

2- a

3- c) Eu entendi o que os atores disseram.

4- c) Eu conheço bem a cidade cuja vocês irão visitá-la.

5- b

6-c) Desculpe, mas eu não lhe entendi bem claro.

7-c) Eu estou confusa, mas sinto que estou gostando bastante daquele rapaz.

8- a

Sujeito 6-

1- a

2-a

3-b

4-c) Vamos juntos conhecer a cidade.

5- c) Houve um problema com a remessa do cheque, mas vou receber.

6- c) No início é difícil, depois ficará ou voltará normal.

7- c) Estou começando a gostar muito dele.

8- a

Sujeito 7-

1- a

2-a

3-a

4-a

5-a

6-a

7- c) Gosto muito do Pedro, mamãe.

8-a

Sujeito 8-

1-a

2-a

3-a

4-a

5-a

6-a

7-a

8-a

Sujeito 9-

1-a

2-a

3-b

4-a

5-b

6- c) Pai, está bem difícil para entender.

7-a

8-a

Sujeito 10 -

1-c) em branco

2-a

3-b

4-a

5-a

6-a

7-c) em branco

8-a

DADOS DE TI 2

Dados de TI 2 obtidos junto aos informantes falantes nativos de inglês.

Sujeito 1-

1-c) *Why don't you move in with me?*

2- a

3- c) *I understood what the actors said, followed the plot and understood the story.*

4- a

5- c) *I believed the contest was real but I was probably naïve.*

6-a

7- c) *I care about him but I'm not sure this is really love.*

8- c) *Almost, how about getting together to study?*

Sujeito 2-

1- b

2- c) *I believe in Peter .*

3- a

4-a

5- c) *I really believed I would get paid. or I thought it was legitimate. Or I thought it was real.*

6-c) *Yes, for the most part I can understand you.*

7-a

8-a

Os sujeitos 3 e 4 enviaram os questionários, porém suas respostas não estavam marcadas, embora ambos tenham se referido a sua feitura na mensagem que acompanhou a devolução dos mesmos. Aparentemente, houve algum problema na digitação. O sujeitos 5 e 10 não retornaram os questionários.

Sujeito 6-

1- b

2-a

3-a

4-a

5-b

6-a

7-a

8-a

Sujeito 7-

1-a

2-a

3-a

4-a

5-b

6-a

7-c) *I really like him and I hope there is a future for us.*

8-a

Sujeito 8-

1- c) *Will you marry me?*

2-a

3-a

4-a

5- c) *I believed this contest was for real.*

6-a

7-a

8-a

Sujeito 9-

1- a

2-a

3-a

4-a

5- c) *I really thought this was an authentic contest.*

6-c) *Dad, you are doing a good job adjusting your speech, however, it is still a bit difficult to understand everything you are saying.*

7- c) *I really like him. We will see how our relationship develops.*

8- c) *I will be ready by the time we take the test. I feel pretty confident, however, I still have to master a few more topics.*